TEXTO DE APOIO PARA OS ALUNOS
8ª Classe - 1º Ciclo

LÍNGUA PORTUGUESA 8

LÍNGUA PORTUGUESA 8

TEXTO DE APOIO PARA OS ALUNOS

8ª Classe - 1º Ciclo

Índice

	Pág
A LÍNGUA PORTUGUESA	3
Dimensão Geográfica da Língua Portuguesa	3
- A Língua Portuguesa no Mundo	3
- Unidade e Variedade da Língua Portuguesa	3
- Dialectos	3
- Os Crioulos	4
- Origem do Português	5
TEXTOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL	6
A NOTÍCIA	6
A estrutura da notícia	6
Características da linguagem da notícia	6
A REPORTAGEM	7
O ADVÉRBIO	9
TIPOS E FORMAS DE FRASE	11
Tipos de frase	11
Formas de Frase	11
A BANDA DESENHADA	12
Estrutura da Banda desenhada	12
O TEXTO LITERÁRIO E O TEXTO NÃO LITERÁRIO	14
O texto literário	14
O texto não literário	14
O TEXTO NARRATIVO	15
Categorias ou elementos da narrativa	15
Acção	15
Espaço	15
Tempo	15
Narrador	16
Narratário	16
Personagens	16
Modos de apresentação do discurso	16
FICHA INFORMATIVA – DISCURSO DIRECTO/DISCURSO INDIRECTO	18
FICHA INFORMATIVA – CLASSIFICAÇÃO DOS VERBOS QUANTO À FLEXÃO	21
Verbo regular	21
Verbo irregular	21
FICHA INFORMATIVA – COESÃO E COERÊNCIA TEXTUAIS	24

Índice

	Pág
Coesão textual	24
Coerência textual	25
FICHA INFORMATIVA – COORDENAÇÃO E SUBORDINAÇÃO	30
Coordenação	30
Conjunções / Locuções conjuncionais coordenativas	31
Subordinação	31
Conjunções/ Locuções conjuncionais Subordinativas	32
FICHA INFORMATIVA – CONJUGAÇÃO PRONOMINAL	34
Conjugação pronominal	34
Conjugação pronominal reflexa	34
Conjugação pronominal recíproca	35
FICHA INFORMATIVA – FUNÇÕES SINTÁCTICAS	36
Sujeito	36
Predicado	37
Complemento Directo e Indirecto	38
Predicativo do complemento directo	38
Elementos acessórios da oração	38
Vocativo	39
O TEXTO POÉTICO	39
O que é a poesia?	39
Para que serve a poesia?	39
VERSIFICAÇÃO – ALGUMAS CONVENÇÕES	40
SINONÍMIA/ANTONÍMIA	44
Palavras sinónimas	44
Palavras antónimas	44
FICHA INFORMATIVA – RECURSOS EXPRESSIVOS	50
AUTOAVALIAÇÃO	52
O TEXTO DRAMÁTICO	53
As origens do teatro	53
Dicionário de teatro	54
Categorias do Texto dramático	55
Textos	56
AUTOAVALIAÇÃO	61
BIBLIOGRAFIA	62

A LÍNGUA PORTUGUESA

DIMENSÃO GEOGRÁFICA DA LÍNGUA PORTUGUESA

- **A Língua Portuguesa no Mundo**

A Língua portuguesa é actualmente uma das línguas mais faladas no mundo. Ela encontra-se em terceiro lugar, em número de falantes, entre as línguas novilatinas ou românicas, e em quinto entre as línguas de todo o mundo. É falada por cerca de 170 milhões de pessoas, distribuídas por todos os continentes. Constitui a língua nacional de todos os portugueses e brasileiros; Angola, Moçambique, S.Tomé e Príncipe, Guiné, Cabo Verde consideram-na a sua língua oficial. É ainda falada em Goa (Índia), na parte oriental da ilha de Timor e em Macau.

- **Unidade e Variedade da Língua Portuguesa**

A língua portuguesa, apesar da sua disseminação mundial, tem conseguido manter uma apreciável coesão e unidade. Para o comprovar basta ver como livros de autores portugueses, brasileiros, angolanos, etc. são lidos por qualquer leitor, em qualquer parte do mundo lusófono, ou verificar como as telenovelas brasileiras são compreendidas por qualquer falante de língua portuguesa, seja ele português, ou angolano, ou cabo-verdiano, etc.

Há, no entanto, acentuadas diferenças entre o português de Portugal e os do Brasil, Angola, de Moçambique, etc., quer no domínio fónico, morfológico, sintáctico, semântico ou no lexical.

- **Dialectos**

Dialectos são variedades de língua em determinadas regiões de um país, criadas pela mentalidade específica da sua população, pelo seu modo de vida, pelo afastamento dos centros populacionais mais evoluídos.

Nota-se que à medida que a rádio e a televisão cobrem essas regiões isoladas, os dialectos vão-se progressivamente esbatendo.

- **Dialectos do Português Europeu**

Os dialectos do galego-português, existentes na faixa Ocidental da Península Ibérica, podem incluir-se em três grandes grupos:

- **Dialectos galegos -** São falados na Galiza e diferenciam-se em duas zonas: a do litoral e a do interior.
- **Dialectos portugueses setentrionais -** Distinguem-se nesta zona duas subzonas:- Trás- Os- Montes e Alto Minho (a norte de Viana do Castelo);-Baixo –Minho, Douro Litoral e beiras interiores, onde se incluem as cidades de Braga, Porto, Viseu e Guarda.
- **Dialectos portugueses centro – meridionais -** Distribuem-se numa vasta zona que, no litoral, vai de Aveiro até ao Algarve e, no interior, desde Castelo Branco até ao Algarve.

Subdivide-se esta zona em duas subzonas:

- ✓ o **Centro-litoral** (de Aveiro até à Estremadura),em que se situam as cidades de Aveiro, Coimbra e Leiria;
- ✓ o **centro-interior e o Sul,** que parte do distrito de Castelo Branco e os distritos de Portalegre, Setúbal, Évora, Beja e Faro.

- **Dialecto das ilhas Atlânticas**

Os dialectos dos arquipélagos da Madeira e dos Açores reflectem, em geral, e são o prolongamento dos dialectos portugueses centro-meridionais.

No entanto, verificam-se na ilha da Madeira e na de S. Miguel (Açores) certas características fónicas de regiões continentais exteriores à zona centro-meridional continental.

- **Dialectos do Português do Brasil**

De acordo com Antenor Nascente, citado por Celso Cunha e Lindley Cintra, *in Nova Gramática de Português Contemporâneo*, distinguem-se dois grupos de dialectos brasileiros:

- **Dialectos do Norte** - Zona dividida em duas subzonas: o Nordestino e o Amazónico.
- **Dialectos do Sul** -Zona dividida em quatro subzonas: Baiana, Fluminense, Mineira e Sulista.

- **Os Crioulos**

Os **crioulos,** atendendo ao acentuado afastamento da língua portuguesa, dificilmente se podem considerar dialectos. É mais exacto considerá-los línguas derivadas do português.

- **Crioulos provenientes do português**
  - ❖ Os crioulos da África

Os crioulos da Árica diversificam-se em três grupos:

A. Crioulos de Cabo Verde, com duas variedades:

- de Barlavento (ilhas do Norte);
- de Sotavento (ilhas do Sul)

B. Crioulos das ilhas do Golfo da Guiné:

- de São Tomé;
- do Príncipe;
- de Ano Bom (pertencente à Guiné Equatorial)

C. Crioulos continentais:

-da Guiné Bissau;

-de Casamance (Senegal)

- ❖ Os Crioulos na Ásia

Subsistem ainda os seguintes crioulos na Ásia:

A. O de Malaca, conhecido também por papiá cristão, malaquês ou malaquenho português basu, etc.;

B. O de Macau, macaísta ou macauenho, falado ainda por alguns grupos em Hong Kong;

C. O de Sri-LanKa, falado por alguns grupos;

D. O de Chaul, Cananor, Cochim, na Índia.

❖ Os crioulos da Oceânia

Na Oceânia persiste ainda o crioulo de Tugu, perto da ilha de Java.

Ilustração 1 - Crioulos de base portuguesa

- **Origem do Português**

O português, bem como as outras línguas românicas, não proveio directamente do latim literário, isto é, do latim dos grandes escritores romanos, mas do **latim popular** ou **latim vulgar,** falado pelo povo.

Era este **latim vulgar** que os soldados, os funcionários e os comerciantes romanos falavam na Península Ibérica durante os 600 anos em que a dominaram. Os povos nativos da península Ibérica tiveram de aceitar essa língua, foram-se afeiçoando a ela, modificando-a, no entanto, de harmonia com factores geográficos-sociológicos, sobretudo com as características fónicas das línguas ali existentes, cuja diversidade deu origem ao português, ao castelhano (espanhol) e ao catalão. De notar que assim como a língua latina acompanhou sempre o movimento expansionista dos Romanos, constituindo mesmo o elemento mais importante da romanização, assim também algumas línguas novilatinas, tais como o português, francês e o espanhol acompanharam a diáspora dos povos seus falantes, para a América Central e do Sul, para a África e para outras partes da terra, onde ainda hoje se falam essas línguas.

O português é, em número de falantes, a segunda das línguas românicas.

- **Fases da Língua Portuguesa**

A formação do português, a partir do **latim vulgar,** processou-se muito lentamente, ao longo de quatro fases, segundo divisão de Leite de Vasconcelos:

i. A **Pré-História-**Primeira fase de formação, anterior ao séc. IX, de que não constam quaisquer documentos históricos;

ii. A **Proto-História-**Do século IX ao século XIII, que só conhecemos através de documentos em **latim bárbaro** (com vocábulos de várias línguas) no qual os tabeliães redigiam contratos, testamentos e doações;

iii. A **Época Arcaica -** Que se prolonga do século XII ao século XVI, a que pertencem, por exemplo, poesia trovadoresca e as crónicas de Fernão Lopes;

iv. A **Época Moderna -** Que vai do século XVI à primeira metade do século XX. Os autores do Renascimento português, como Camões, por exemplo, foram os iniciadores da época moderna do português.

v. A **Época Contemporânea-**Constituída pelo português da segunda metade do século XX e dos nossos dias.

Assim sendo, podemos dar esta definição de língua portuguesa: *É a língua que resultou da lenta evolução do latim popular na faixa Ocidental da Península Ibérica.*

TEXTOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

A NOTÍCIA

As informações são, geralmente, apresentadas por ordem decrescente de importância. A notícia é um texto de carácter informativo do domínio da Comunicação Social. Caracteriza-se pela actualidade, objectividade, brevidade e interesse geral. Relata, por vezes, situações pouco habituais.

É redigida na 3ª pessoa.

A estrutura da notícia

Uma notícia bem estruturada deve ser constituída por:

- LEAD, CABEÇA ou PARÁGRAFO-GUIA - primeiro parágrafo, no qual se resume o que aconteceu. É a parte mais importante da notícia e o seu objectivo é não só captar a atenção do leitor, mas ainda fornecer-lhe as informações fundamentais. Neste parágrafo deverá ser dada resposta às seguintes perguntas essenciais: **quem**?, o **quê**?, **onde**?, **quando**?
- CORPO DA NOTÍCIA - desenvolvimento da notícia, onde se faz a descrição pormenorizada do que aconteceu. Nesta segunda parte, deverá responder-se às perguntas: **como**?, **porquê**?
- A notícia é encabeçada por um título que deve ser muito preciso e expressivo, para chamar a atenção do leitor. Este título relaciona-se, habitualmente, com o que é tratado no LEAD e pode ser acompanhado por um antetítulo ou por um subtítulo.

Técnica da pirâmide invertida - É habitual representar-se graficamente a notícia por esta pirâmide invertida.

Obs.: Na prática, aparecem muitas notícias que não respeitam a estrutura atrás apresentada.

CARACTERÍSTICAS DA LINGUAGEM DA NOTÍCIA

A linguagem a utilizar na notícia deverá respeitar os seguintes princípios:

- ser simples, clara, concisa e acessível, utilizando vocabulário corrente e frases curtas;

- recorrer prioritariamente ao nome e ao verbo, evitando sobretudo os adjectivos valorativos;

- usar especialmente frases de tipo declarativo;

- não perder de vista que a sua principal função é informar.

A notícia – Exercícios

1. Repara que a notícia é constituída por quatro parágrafos, mas são cinco os pedaços em que a cortámos.

A Abrigo está a proceder ao estudo de alguns dos exemplares arrojados. A maioria pertence à espécie golfinho comum, conhecida pelo seu oportunismo alimentar, que o leva a seguir os cardumes de sardinha, uma das espécies mais abundantes da costa portuguesa.

Segundo esta especialista, em altura de desova os golfinhos aproximam-se da costa seguindo os cardumes, aumentando o risco de ficarem presos a redes de pesca, o que aconteceu de certeza nos casos em que os animais apareceram com as barbatanas cortadas.

Esta aproximação às praias tem sido fatídica para dezenas de exemplares. Por alto, e para além dos três golfinhos ontem arrojados em praias de Gaia, Marina Sequeira contabiliza, nas últimas semanas, o arrojamento de oito animais na zona de Peniche e de oito a dez entre Figueira da Foz e Aveiro.

Três golfinhos mortos, dois deles em adiantado estado de putrefacção, foram ontem arrojados pelo mar em praias do concelho de Vila Nova de Gaia.

Nas últimas semanas, mais de vinte mamíferos marinhos que deram à costa, do norte a sul do país, num fenómeno muito semelhante ao de anos anteriores, por esta altura do calendário, explicou ao PÚBLICO a bióloga Marina Sequeira, da Abrigo – rede de Apoio a Mamíferos Marinhos.

Abel Coentrão, in *Público,* 28-03-2005
(texto adaptado e com supressões)

1.1. Ordena os parágrafos de modo a obteres a notícia completa.

1.2. Indica qual destes títulos terá sido escolhido para a notícia. Justifica a tua opinião.

- Bióloga explica morte de golfinhos.
- Três golfinhos mortos em praias de Gaia.
- Mais um atentado ecológico.

A REPORTAGEM

É uma notícia que, pelo seu interesse, vai ser desenvolvida.

Tal como esta apresenta uma estrutura semelhante à notícia.

- **Título** — serve para indicar o conteúdo da reportagem.
- **Lead** ou **primeiro parágrafo** — é a síntese da reportagem.
- **Corpo** — é o desenvolvimento da reportagem, mais complexo e extenso que na notícia.

A reportagem informa sobre:

• assuntos de interesse geral, actuais ou não;

• "coisas vistas" (o repórter desloca-se ao local do acontecimento);

Como?

• com objectividade, mas:

- detendo-se essencialmente no como e no porquê;
- integrando falas de personagens ligadas ao assunto focado;
- exprimindo comentários pessoais (podendo ser, por isso, assinada — subjectividade);

Usa uma linguagem:

• clara, viva, redigida em estilo directo;

• predominância da função informativa, o que não exclui as funções emotiva e poética;

• o discurso de 3ª pessoa com possíveis marcas do discurso de 1ª pessoa;

• linguagem corrente mas por vezes com alguma preocupação estilística.

Normalmente, a sugestão para fazer uma reportagem parte precisamente de uma notícia que o chefe de redacção quer ver desenvolvida, já que o assunto pode dar pano para mangas e ser explorado, de acordo com as características do jornal, constituindo um "furo jornalístico".

Por vezes, possui o carácter de denúncia de algo que importa corrigir: o mau estado de um hospital, de uma escola, situações de marginalidade social ou de delinquência, de agressão ao meio ambiente, etc. São imensos os assuntos possíveis e o posicionamento que pode adoptar o repórter.

A reportagem costuma ser acompanhada de fotografias.

Exemplo:

Comemorou-se ontem o Dia Mundial do Não Fumador

Deixar de Fumar Compensa
Por MARIA JOÃO GUIMARÃES
Quinta-feira, 18 de Novembro de 1999

Foram ontem apresentados os resultados preliminares dos resultados da campanha "Quit and Win 98", lançada pelo Instituto Nacional de Cardiologia Preventiva (INCP) para incentivar os fumadores a largarem o vício. Um ano depois, 28 por cento dos participantes continuam sem fumar.

Os resultados do INCP, apresentados por ocasião do Dia Mundial do Não Fumador (ver mais noticiário nas páginas 24 e 25) mostram os efeitos - de duas horas até dez anos - de deixar de fumar. Logo duas horas após o último cigarro, a nicotina começa a deixar o corpo. É aqui que começam os sintomas de abstinência. Quatro horas mais tarde e frequência cardíaca e pressão arterial começam a diminuir, apesar de poderem levar cerca de seis semanas a atingir os níveis normais.

Doze horas após a última baforada, o monóxido de carbono começa a sair do sistema e os pulmões começam a funcionar melhor, fazendo com que as faltas de ar se tornem menos frequentes e agudas.

Dois dias mais tarde, o ex-fumador começará a sentir melhor o gosto e o cheiro das coisas, e entre duas a 12 semanas, andará e correrá mais facilmente, já que houve uma melhora na circulação sanguínea. De três a nove meses as melhoras no sistema respiratório são ainda maiores: a capacidade pulmonar aumenta cerca de 10 por cento.

Os grandes riscos como o de ataque cardíaco ou cancro do pulmão diminuem mesmo depois de anos de abstinência. Cinco anos depois de se deixar de fumar, o risco de ataque cardíaco é duas vezes menor do que num fumador, e em dez desce mesmo para níveis idênticos aos de uma pessoa que nunca fumou. Nesta altura, o risco de cancro do pulmão diminui, passando a ser metade do de um fumador.

Os substitutos de nicotina, em forma de pensos e pastilhas, são de venda livre em Portugal. No entanto, um parecer da Comissão Técnica de Medicamentos (CTM) do Instituto Nacional da Farmácia e do Medicamento (Infarmed) aconselha a que estes comecem a ser dispensados apenas com receita médica.

É que a nicotina é uma droga que tem "grande responsabilidade na génese de sérias doenças cardiovasculares e participação nalgumas respiratórias", diz o parecer. Além disso, numa dose de 30 a 60 miligramas "produz a morte em alguns minutos, por paragem respiratória".

"Só porque induzem habituação, todas as substâncias medicamentosas consideradas droga são objecto não só de uma receita médica, mas de uma receita médica especial", lembra o documento. Por isso a nicotina "é o protótipo de fármaco que deverá ser utilizada exclusivamente com prescrição médica e como parte integrante de

programas de desintoxicação estruturados", conclui o parecer. O Infarmed só deverá tomar uma decisão depois de uma discussão mais alargada, que deverá incluir também a Direcção-Geral da Saúde.

No entanto, a Organização Mundial de Saúde (OMS) tem uma posição oposta à do parecer da comissão técnica do Infarmed. No seu relatório para 1999, a OMS propõe uma acção global concertada de luta contra o tabaco que incluía, entre outras medidas, o "melhor acesso a substitutos como os pensos de nicotina".

O Infarmed afirma que mesmo com a prescrição obrigatória a acessibilidade não fica diminuída, até porque assim poderia eventualmente abrir-se a porta à comparticipação dos substitutos. No entanto, para isso, tinha de ser feita a relação custo/benefício destes medicamentos.

Curiosamente, a OMS tinha proposto recentemente que o tabaco, esse sim, é que devia ser vendido nas farmácias e só com receita médica - os argumentos eram sensivelmente os mesmos que são agora invocados para a obrigatoriamente de receita dos substitutos: o tabaco provoca habituação e pode causar até a morte.

De qualquer maneira, os substitutos de nicotina estão contra indicados em pessoas que tenham tido acidentes cardiovasculares, arritmias cardíacas ou anginas de peito, úlceras pépticas, insuficiência renal ou hepática, diabetes e mulheres grávidas.

Maria João Guimarães (O Público 18/11/99)

O ADVÉRBIO

Os advérbios têm como principal função modificar o sentido de outras palavras. Podem modificar:

- um verbo - Ele adormeceu profundamente.
- um adjectivo - Ele é bastante simpático.
- outro advérbio - Sinto-me muito bem.
- uma frase - Infelizmente, ele teve de partir.

De acordo com a alteração de sentido que introduzem, os advérbios podem pertencer a diferentes subclasses:

Exemplos:

Tempo	agora, ainda, amanhã, hoje, ontem, anteontem, antigamente, então, nunca, sempre, tarde, cedo, já, depois, jamais, logo, dantes .. ,
Lugar	abaixo, acima, aí, além, ali, aqui, atrás, junto, lá, onde, perto, longe, cá, dentro, fora, defronte, detrás,.,
Modo	assim, bem, depressa, devagar, mal, debalde, melhor, pior *e a maior parte dos terminados em* -mente *(ex.:* calmamente)
Intensidade ou quantidade	bastante, mais, menos, muito, pouco, tanto, tão, quanto, demasiado, demasiadamente .. ,
Afirmação	sim, certo, decerto, certamente, efectivamente, realmente ...
Negação	Não
Dúvida	acaso, porventura, possivelmente, talvez, provavelmente, quiçá
Exclusão	apenas, exclusivamente, salvo, senão, só, somente, unicamente
Inclusão	inclusivamente, até, também, mesmo, ainda
Ordem	primeiramente, seguidamente
Designação	Eis
Interrogativos e relativos	onde, quando, como, porquê

Há grupos de palavras ligadas entre si que funcionam como simples advérbios: são as locuções adverbiais.

a cada passo	de repente	às vezes
a custo	demais a mais	com efeito
à pressa	de novo	em vão
a sós	de manhã	frente a frente
ao contrário	de longe	na verdade
ao largo	de vez em quando	por vezes
de pé	às direitas	sem dúvida
de cima	às escuras	

Observação:

Quando uma preposição vem antes do advérbio forma com ele uma locução adverbial: de dentro, por detrás, etc. Se, ao contrário, a preposição vem depois de um advérbio ou de uma locução adverbial, o grupo inteiro transforma-se numa locução prepositiva: dentro de, por detrás de, etc.

Celso Cunha e Lindley Cintra, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, L' ed., Sá da Costa Ed., 1984

O Advérbio- Exercícios

1. O texto seguinte descreve um jogo popular. Substitui os * pelos advérbios e locuções adverbiais que colocámos no quadro:

Jogar ao cântaro

É um jogo de Carnaval. * era * de raparigas, mas * os rapazes * o jogam. Joga-se *: os jovens fazem uma roda e atiram * um cântaro de barro. A questão é cada um aparar o cântaro que lhe foi atirado por outro parceiro e * o lançar para outro dos jogadores. Se o jogador * apara o cântaro, este cai e parte-se. * a assistência assobia. O que ouvir * assobiadelas torna-se o vencedor do jogo.

José Viale Moutinho, 365 *Histórias*,
L' ed., Ed. ASA, 2002 (texto adaptado)

assim • de imediato • menos • antigamente • entre si • não • também • então • agora • só

2. Copia de cada uma das frases a palavra modificada pelo advérbio destacado e indica a classe a que pertence, conforme o exemplo:

[Não] cantas [suficientemente] bem.
Verbo advérbio

a) O trabalho pareceu-lhe muito fácil.
b) Acabou o teste bastante tempo antes dos seus colegas.
c) Ele engoliu sofregamente a comida.
d) É um clube exclusivamente feminino.

3. Substitui as expressões destacadas por advérbios, conforme o exemplo:

Eu gosto de estudar no café. | ***Nesse* lugar** | consigo concentrar-me.
| Aí |
| Lá |

a) Pousa o livro neste lugar.
b) Todos os dias leio o jornal.
c) Choveu com grande intensidade.
d) Faz o curativo desta maneira.

3.1. Indica a subclasse dos advérbios que escolheste.

4. Identifica a classe e a subclasse dos advérbios que encontras nesta tira:

Ilustração 2: Quino, *Mafalda* – 2.ed., Publ. Dom Quixote,1988

5. Nem todos os advérbios terminados em *-mente* são advérbios de modo. Discute o significado de cada frase e a modificação introduzida pelo advérbio destacado. De seguida, classifica os advérbios de acordo com o seu significado:

a. Provavelmente, o Zé vai ser despedido.
b. Primeiramente, deves bater os ovos com o açúcar.
c. Efectivamente, ele tem tido problemas na escola.
d. Eu sinto-me **demasiadamente** cansada para sair.
e. Nós vamos **frequentemente** ao cinema.
f. Enquanto falava, movia **agitadamente** os braços.

modo tempo dúvida afirmação intensidade ordem

TIPOS E FORMAS DE FRASE

Frase - Chama-se frase a um conjunto de palavras com sentido.

TIPOS DE FRASE

- **Declarativo** - A frase informa, refere um acontecimento, descreve uma situação.

  Ex.: «Depois atravessaram as tempestades da Biscaia.» (Sophia de Mello Breyner Andresen)

- **Interrogativo** - Formula perguntas.

  Ex.: «E dão assim dinheiro às pessoas?» (Maria Isabel Barreno)

- **Imperativo** - Ordena, pede, aconselha, sugere, exprime desejos.

  Ex.: «- Corram à igreja!» (Romeu Correia)

- **Exclamativo** - Exprime sentimentos e emoções.

  Ex.: «Estás um homem!» (Natália Nunes)

FORMAS DE FRASE

- **Afirmativa -** Exprime uma afirmação.

  Ex.: «Tudo infundia pavor.» (João de Barros)

- **Negativa** - Exprime uma negação.

  Ex.: «- Não há mar nem meio mar!» (João de Meio)

  - **Activa** - O sujeito pratica a acção.

    Ex.: «Toda a vida ela sonhara a festa.» (Mia Couto)

  - **Passiva** - O sujeito sofre a acção.

Ex.: «... que fui incomodado pelo barulho das vozes ... » (Michel Tournier)

- **Enfática** - Contém uma partícula ou uma expressão (cá, lá, é que, etc.) cujo objectivo é realçar o sentido da frase.

  Ex.: « ... O que crescer para baixo é que há-de ser para ti.» (Teófilo Braga)

  Neutra - Toda a frase que não é enfática considera-se neutra.

  Ex.: «Atirei-o para o fundo da gaveta.» (Luísa Ducla Soares)

Tipos e formas de frases – exercícios

1. Indica os tipos de frases nas figuras.

A BANDA DESENHADA

A banda desenhada é uma narrativa por imagens, normalmente acompanhada por um texto verbal e que se encontra publicada quer na imprensa quer sobre a forma de álbuns.

ESTRUTURA DA BANDA DESENHADA

O texto verbal reveste a forma de legendas, cartuchos e texto escrito dentro de balões.

A legenda situa-se dentro da vinheta, é um texto do narrador que fornece informações auxiliares de espaço e de tempo.

O cartucho é um texto compacto contido numa moldura geralmente rectangular intercalado entre as vinhetas ou anexado a elas, que ajuda à compreensão da narrativa.

O balão é um espaço da vinheta, destacado com o bico apontado ao emissor, onde habitualmente se encontram as falas ou pensamentos das personagens.

Podemos encontrar vários tipos de balões:

A banda desenhada recorre, ainda, a:

Banda desenhada – Exercícios

1. Assinala a alínea que completa correctamente a afirmação que se segue.
A banda desenhada é um tipo de texto não literário que narra uma história através...

- **a.** da interligação do texto verbal e da cor.
- **b.** da interligação do texto verbal e do texto icónico (imagem).
- **c.** da exploração apenas do texto icónico (imagem).
- **d.** da exploração da cor e do tamanho da letra.

2. Assinala a opção que justifica a alteração do tamanho do corpo da letra.

a. O corpo da letra varia para revelar o carácter da personagem.
b. O corpo da letra pode ser de diferentes tamanhos para indicar a intensidade da voz e do som.
c. O corpo da letra pode adquirir diferentes dimensões para expressar pedidos de ajuda da personagem.

O TEXTO LITERÁRIO E O TEXTO NÃO LITERÁRIO

O TEXTO LITERÁRIO

O texto literário transmite-nos uma visão subjectiva da realidade. Esta subjectividade origina uma certa ambiguidade: o texto literário carrega-se de sentidos múltiplos, abre-se a várias interpretações. Torna-se, numa palavra, plurissignificativo.

No texto literário, as palavras assumem um valor conotativo: mais do que dizer, sugerem. A palavra água, por exemplo, dependendo do contexto em que surge, conota purificação, pureza... Pelo contrário, na linguagem corrente, água significa, sem ambiguidades, um líquido incolor e transparente, é este o seu valor denotativo.

O texto literário é um texto cuja finalidade ultrapassa a simples função informativa, e, pela maneira como se organiza internamente e pela forma cuidada da linguagem que utiliza, procura então dar uma visão subjectiva do mundo exterior ou de universos interiores. Possui uma marcada função estética. Para isso recorre aos diversos processos estilísticos.

O TEXTO NÃO LITERÁRIO

O texto não literário procura transmitir com objectividade uma mensagem, dá mais importância ao conteúdo.

Evita a ambiguidade e procura a objectividade. A sua leitura sofrerá poucas alterações de um leitor para o outro, mantendo-se o seu sentido estável no decurso do tempo.

Tem uma intenção utilitária, a verdade da informação é importante.

O texto não literário recorre a uma linguagem predominantemente denotativa.

Texto literário	Texto não literário
- Linguagem conotativa; - Exprime situações quer reais, quer imaginárias (mundo fictício) prefere palavras com múltiplas significações (subjectividade); - Afasta-se do discurso normal; - Cada escritor é um criador linguístico (desvios da norma); - Função poética e expressiva.	- Linguagem denotativa; - Descreve o real; - Prefere vocabulário que tem um só significado (objectividade); - Não se afasta do discurso normal; - Utiliza a língua nos seus aspectos usuais (obediência à norma); - Função informativa.

Exemplos:

Junho, como anoitece mais tarde, o jardim e o tanque que nele existe só muito tarde deixam de se ver.

Esta frase transmite-nos, em princípio, uma mera informação: admitamos que é essa a sua intenção comunicativa.No texto que se segue, contudo, a informação deixou de ser o objectivo último a atingir. O que se pretende agora, fundamentalmente, é, através do uso criativo da língua, despertar no leitor o prazer estético.

"Como uma rapariga descalça a noite caminhava leve e lenta sobre a relva do jardim. Era uma jovem noite de Junho. E debruçada sobre o tanque redondo ela mirava extasiadamente o reflexo do seu rosto."

Sophia de M. B. Andresen, Histórias da terra e do Mar

No primeiro exemplo, estamos perante um texto não literário, e no segundo temos um texto literário.

O TEXTO NARRATIVO

No texto narrativo um **narrador** conta uma história em que participam personagens que se envolvem numa **acção**, situada num determinado **tempo** e num determinado **espaço**.

CATEGORIAS OU ELEMENTOS DA NARRATIVA

Acção

É o conjunto de peripécias ou acontecimentos que constituem uma narrativa e que podem, ou não, levar a um desenlace.

A **acção** pode ser dividida em vários momentos:

- situação inicial (introdução);
- peripécias (desenvolvimento);
- desenlace (conclusão).

É possível classificar a **acção**, tendo em conta:

a) o relevo

- **acção principal:** acção constituída pelos acontecimentos mais relevantes;
- **acção secundária:** acção constituída pelos acontecimentos de menor importância.

b) a delimitação

- **acção aberta:** quando a narrativa não tem um desfecho e o autor deixa à imaginação do leitor a continuação da história e o destino das personagens;
- **acção fechada:** quando a intriga tem um desenlace.

c) organização das sequências narrativas

- **encadeamento:** quando as sequências surgem ordenadas cronologicamente, ou seja, quando o final de uma história coincide com o começo de outra;
- **alternância:** quando as histórias sugem intercaladas na narração, ou seja, uma delas é interrompida para dar lugar à outra e assim sucessivamente;
- **encaixe:** quando uma ou mais acções secundárias surgem dentro da acção principal.

Espaço

É um lugar ou lugares onde decorre a acção. Podemos considerar:

- **espaço físico:** o lugar onde a acção se realiza;
- **espaço social:** o meio social em que as personagens se movem;
- **espaço psicológico:** espaço, atmosfera que evidencia e revela as reflexões de uma personagem e por onde divaga o seu pensamento.

Tempo

Momento em que decorre a acção. O tempo pode ter a seguinte classificação:

- **tempo histórico:** referente histórico que serve de enquadramento à acção;
- **tempo cronológico:** sucessão cronológica de acontecimentos que podem ser datados de forma mais ou menos precisa.

Narrador

Entidade fictícia que narra os acontecimentos. O narrador pode ser classificado quanto à sua presença na acção e quanto à sua posição em relação aos factos que narra:

- **quanto à presença na acção**
  - **narrador participante ou presente:** está presente na acção como personagem principal (narrador autodiegético) ou secundária (narrador homodiegético); no discurso usa pronomes, determinantes e formas verbais da 1ª pessoa gramatical (eu, nós, meu, nosso);
  - **narrador não participante (ou ausente ou heterodiegético):** não desempenha qualquer papel na acção, narrando os acontecimentos sem neles intervir; no discurso usa pronomes, determinantes e formas verbais da 3ª pessoa gramatical (ele, seu, eles).
- **quanto à posição/ponto de vista**
  - **narrador objectivo:** narrador que apresenta e enuncia os factos de forma imparcial;
  - **narrador subjectivo:** narrador que apresenta os factos de forma parcial, expressando o seu ponto de vista.

Narratário

O narratário pode identificar-se com o leitor virtual (todo o leitor que venha a ler a obra). É a ele que se dirige o narrador e pode também ter o estatuto de uma personagem e participar na acção.

Personagens

Agentes ou intervenientes na acção; podem ser classificadas quanto ao seu relevo na acção e quanto ao modo como são caracterizadas:

- **quanto ao relevo**
  - **personagem principal (ou protagonista ou herói):** personagem que desempenha o papel central na acção;
  - **personagem secundária:** personagem com quem se relaciona o protagonista ao longo da acção; pode ser adjuvante, se actuar como agente favorável, ou oponente, se dificultar o caminho e os objectivos do protagonista;
  - **figurante:** personagem normalmente irrelevante para o desenrolar da história, mas importante como elemento caracterizador do espaço social.
- **processos/modos de caracterização**
  - **caracterização directa:** processo através do qual as características são fornecidas pelo narrador ou pela fala das personagens; o narrador e/ou as personagens apresentam o aspecto físico (retrato físico) e personalidade (retrato psicológico) da personagem;
  - **caracterização indirecta:** processo através do qual as características são deduzidas pelo leitor a partir das atitudes, comportamentos, gestos e falas da personagem.

MODOS DE APRESENTAÇÃO DO DISCURSO

Narração – relato de acções e de acontecimentos reais ou imaginários. É o modo característico dos textos narrativos e representa um momento de avanço na acção.

Descrição – caracterização, com algum pormenor, de objectos, ambientes, pessoas ou personagens. Representa, geralmente, um momento de pausa na acção própria dos textos narrativos.

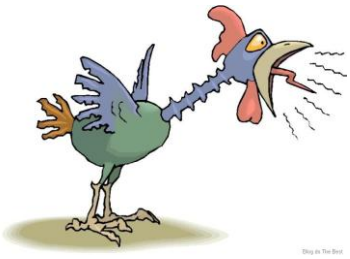
Diálogo – conversa entre as personagens que contribui para o dinamismo da narrativa.

Monólogo – reprodução do pensamento de uma personagem, ou, eventualmente, da sua fala consigo própria.

Há muitos anos, todos os galos do mundo refugiavam-se na ilha de S. Tomé, talvez por ser uma terra lindíssima e boa para viver.

De madrugada, quando o sol rompia as nuvens, punham-se todos a cantar anunciando um novo dia: “cocorocóco!”.

A alegria imensa de estarem juntos e o facto das suas vozes funcionarem bem e em coro, levava-os a repetir a cantaria a qualquer hora esquecendo que incomodavam os outros habitantes do arquipélago.



Há muitos anos, todos os galos do mundo refugiavam-se na ilha de S. Tomé, talvez por ser uma terra lindíssima e boa para viver.

De madrugada, quando o sol rompia as nuvens, punham-se todos a cantar anunciando um novo dia: “cocorocóco!”.

A alegria imensa de estarem juntos e o facto das suas vozes funcionarem bem e em coro, levava-os a repetir a cantaria a qualquer hora esquecendo que incomodavam os outros habitantes do arquipélago.

Havia pessoas que lhes achavam graça e até gabavam aquela alegria contagiante que enchia a atmosfera de música. Mas a maior parte dos habitantes reclamava:

- Isto não pode ser! Precisamos de sossego! Ninguém aguenta esta barulheira…

Os dois grupos discutiam, uns a favor dos galos, outros contra. As conversas iam-se tornando tão azedas que por pouco não se envolviam à pancada. Então, um homem sensato resolveu tomar medidas para resolver isto dizendo aos galos:

- Aconselho-vos a emigrarem e fixarem-se num local afastado onde possam cantar quando lhes apetecer sem se tornarem aborrecidos. Se não aceitarem a sugestão, haverá guerra.

Os galos, sendo bem-educados, decidiram partir. Reuniram-se para escolher um rei que chefiasse a expedição. A escolha recaiu num enorme galo preto de quem todos gostavam muito porque tinha imensas qualidades e lá foram em busca do sítio ideal para músicos bem dispostos e barulhentos que gostam de gozar a vida sem se tornarem incómodos. Juntos deram voltas e mais voltas pelas ilhas e ilhéus do arquipélago, até encontrarem o que pretendiam. Ali ficaram para sempre e as pessoas baptizaram o lugar com o nome de Cantagalo.

Esse lugar ainda hoje existe.

Texto adaptado a partir de *http://malambas. blogspot. com/2007/01/conto – santomense-2-lenda-de-cantagalo.html*

Orientações de leitura

1. Escolhe a palavra certa que completa a frase:

O texto é uma
- fábula ☐
- lenda ☐
- adivinha ☐

de
- Cabo Verde ☐
- Timor-Leste ☐
- S. Tomé e Príncipe ☐

porque
- conta uma história que faz parte da imaginação popular. ☐
- conta uma história verdadeira. ☐

2. “quando o sol rompia as nuvens” significa:

a. ao entardecer **b.** ao anoitecer **c.** ao amanhecer

3. Procura na coluna B uma expressão com significado semelhante ao das frases/expressões da coluna A.

A	B
as conversas iam-se tornando azedas	chamar/denominar
juntos deram voltas e mais voltas	divertirem-se sem aborrecer ninguém
baptizar o lugar	as conversas passavam a ser discussões
gozar a vida sem se tornarem incómodos	juntos procuraram por toda a parte

4. Porque razões iam todos os galos para S. Tomé?

5. Retira do texto as falas directas de personagens.

6. Imagina que estavas presente quando a primeira fala foi dita e que agora queres contar aos teus colegas o que ouviste. Completa os espaços em branco, fazendo as devidas alterações face à fala original.

A maior parte dos habitantes dizia que _____ não _____ ser! _____de sossego! Ninguém _____ _____ barulheira…

FICHA INFORMATIVA – DISCURSO DIRECTO/DISCURSO INDIRECTO

O discurso directo consiste na reprodução da fala tal como o locutor a disse, assinalando-a com travessão ou aspas. O discurso indirecto consiste na reprodução do discurso do loucutor no discurso do mesmo ou de um outro locutor. A transposição do discurso directo para o discurso indirecto implica que o discurso original sofra algumas alterações.

	Discurso directo		Discurso indirecto
Verbos	**Pessoa: 1ª ou 2ª pessoa** **Ex.:** Eu comprei um livro.	Verbos	**Pessoa: 3ª pessoa** **Ex.:** Ela disse que comprou um livro.
	Tempos e modos **Presente** **Ex.:** O Pedro lê muitos jornais. **Pretérito Perfeito** **Ex.:** Encontrei um velho colega da escola. **Futuro do Indicativo** **Ex.:** Falarei com o meu primo amanhã. **Futuro do Conjuntivo** **Ex.:** Se te atrasares, saio sem ti. **Imperativo** **Ex.:** Faz o exercício.		**Tempos e modos** **Pretérito Imperfeito** **Ex.:** Ele afirmou que o Pedro lia muitos jornais. **Pretérito mais-que-perfeito** **Ex.:** Ela disse que encontrara um velho colega da escola. **Condicional** **Ex.:** A Elsa disse que falaria com o seu primo amanhã. **Pretérito Imperfeito do Conjuntivo** **Ex.:** Ele disse que se ela se atrasasse, saía sem ela. **Conjuntivo (Pretérito Imperfeito)** **Ex.:** Ela ordenou que ele **fizesse** o exercício.
Pronomes pessoais **1.ª/2.ª pessoa**: eu, tu, me, te, nós, vós, nos, vos **Ex.:** Tu tens de me contar a verdade.			**Pronomes pessoais** **3.ª pessoa:** ele, ela, lhe, eles, elas, lhes **Ex.:** Ela disse que ele tinha de lhe contar a verdade.
Pronomes/Determinantes • **demonstrativos:** isto, isso; este, esse • **possessivos:** meu, teu, nosso, vosso **Ex.:** Este carro é bem melhor que o meu! **Advérbios:** aqui; aí; cá; agora; já; hoje; ontem; amanhã; logo **Ex.:** Ontem, guardei os teus livros aqui.			**Pronomes/Determinantes** • **demonstrativos:** aquilo, aquele • **possessivos:** seu, dele, seus, deles **Ex.:** Ela exclamou que aquele carro era bem melhor que o seu. **Advérbios:** ali; além; lá; naquele momento; logo; naquele dia; no dia anterior; no dia seguinte; depois **Ex.:** Ele disse que no dia anterior guardara os livros dele ali.
Vocativo **Ex.:** Carla, queres sair?			**Complemento indirecto** **Ex.:** Ele perguntou à Carla se ela queria sair.

Vovó Mariquinha

Vovó Mariquinha repousava num mocho baixo, na tarde calma, enquanto Ma Canjá trançava-lhe o cabelo grisalho. Adornava com artísticas tranças imbricadas a cabeça empinada da sua respeitável Senhora.

Ma Canjá (Maria das Candeias) era a doméstica que cuidava da arrumação da casa, da lavagem da roupa e da confecção das refeições. Morava com sua Senhora num casarão de madeira. Construído com frágeis tábuas de «pau-caixão» já gastas e enegrecidas pelo rodar dos anos, o casarão possuía duas águas, em que uma das abas alongava-se para frente de forma a constituir uma cância que cobria um varandim.

Vovó Mariquinha, a Senhora, vivia na sua Quinta d`Alegria feliz, mas a felicidade nem sempre era completa, pequenas preocupações perturbavam-na de vez em quando, como acontecia por aqueles dias em que alguém roubava-lhe andim. Nas varas de terreno que lhe pertenciam, abundavam as altivas palmeiras-dendê, as produtoras dos bagos de andim. Espanavam o céu profundo com a sua coroa de andalas quando soprava vento forte. Havia larápio a colher os bagos sazonados que a agitação provocada pelo vento forte derrubava. Com andim fabricava-se o saboroso azeite-dendê, com os bagos dum vermelho retinto que, por isso, eram valiosos.

- Esse ladrão que rouba o nosso andim, deve ser gente de aqui mesmo – aventou Ma Canjá dando pressa às mãos que teciam as tranças imbricadas.

- Deve ser – concordou com ela a patroa. – Gente de longe não vem até aqui roubar andim.

- A Senhora não se preocupe: Mona prende esse ladrão. Tarde ou cedo.

Mona era o guarda da quinta. Detectara o roubo, dera alarme, e já havia uma semana que andava na peugada do larápio.

Permitia-se aos estranhos entrar na propriedade para colher paus de lenha, que lenha para lume não era de se negar a ninguém em terra de vegetação. Mas a benevolência favorecia roubos, não poucos caíam na tentação de se apoderarem de frutos de valor.

Vovó Mariquinha conservava-se em leve curvatura, a facilitar a tarefa da doméstica. A posição não possibilitava ver-se-lhe o olhar firme, penetrante, mas permitia notar-se-lhe o nariz afilado e ligeiramente adunco, que acusava a sua ascendência judaica.

Sacramento Neto, *Vovó Mariquinha*, (excerto) Ficção Africana.,1979 (6ª ed.)

Padre Sacramento Neto

Assinale-se a dedicação ao país e a um entendimento muito singular da sua missão pastoral.

O apego do padre Sacramento Neto à terra e aos seus conterrâneos, uma espécie de fidelidade que, independentemente da sua adequação ao mundo actual, vale por si e como exemplo para quem a toda a hora proclama, mais do que concretiza, pautar-se por esses valores.

Orientações de leitura

1. O texto apresenta-nos três personagens: Vovó Mariquinha, Ma Canjá e Mona.

1.1. Transcreve do primeiro parágrafo do texto expressões que caracterizam Vovó Mariquinha.

1.2. Identifica o(s) tipo(s) de caracterização feito. Justifica.

2. Transcreve do texto referências ao espaço e ao tempo em que decorre a acção.

3. Classifica o narrador quanto à sua presença na acção.

3.1. Justifica a tua resposta com elementos textuais.

4. "Vovó Mariquinha, a Senhora, vivia na sua Quinta d`Alegria feliz, mas a felicidade nem sempre era completa,".

4.1. Explica por que motivo a felicidade de Vovó Mariquinha não era completa.

5. Para que fim era utilizado o *andim*?

6. O que é que Ma Canjá diz sobre o ladrão de andim?

6.1. E o que diz a patroa?

7. Indica o nome do autor do texto e da obra que foi extraído.

Funcionamento da Língua

1. Apresenta um sinónimo retirado do texto para a palavra *ladrão*.

2. Copia do texto uma fala do narrador.

3. Passa para o discurso indirecto a fala de Ma Canjá: "*- A Senhora não se preocupe: Mona prende esse ladrão. Tarde ou cedo*."

4. Transforma o discurso directo em discurso indirecto.

4.1. A senhora pediu ao irmão:
- Leva-me contigo ao jardim.

4.2. – Eu gosto dos meus amigos como eles são – explicou a Ma Canjá.

4.3. – Quem fez este disparate? – perguntou a Senhora irritada. – Se ninguém se acusa, ficam todos aqui fechados.

5. Faz, agora, o contrário, isto é, passa para o discurso directo as seguintes frases em discurso indirecto.

5.1. A Senhora ordenou-lhe que trouxesse o pente e lhe trançasse o cabelo.

5.2. O guarda explicou que não apanharia o ladrão porque considerava que não havia condições.

5.3. A senhora pediu aos meninos que lhe mostrassem aquilo que tinham nas mãos.

Ma Deçu

Na solidão da tarde de Outubro, o som ritmado das gotículas de chuva, caindo sobre as folhas largas da matabala, e a brisa, voando leve por entre as bananeiras, envolviam o quintal de Fernandinho num ambiente de tranquilidade.

Protegida pelo arvoredo, ao fundo ficava a casa, à qual se chegava por um corredor de pagauês gigantes retorcidos pela idade, cujas folhas se projectavam no espaço em fantasmagóricos arabescos.

Ignorando o espectáculo patético do sol e da chuva em estranho diálogo, crianças entretinham-se catando borboletas que esvoaçavam, assustadas com a caça implacável a que as submetiam. No quintal, por detrás da casa, um casal de porcos grunhia no lamaçal do chiqueiro, enquanto alguns cabritos se perseguiam, chocarreiros, cabriolando a cada passo.

A casa, de estilo simples e tradicional, era de madeira e apoiava-se em estacas que a deixavam suspensa a escassos centímetros do solo. As paredes eram de cor indefinida e acusavam a inclemência de sucessivas chuvas e gravanas. Via-se que fora iniciada com certo esmero, pela singeleza de linhas que se adivinhava na sua estrutura. Agora era um casebre quase à beira da ruína, as janelas desprendendo-se das dobradiças e algumas tábuas não garantindo já a devida cobertura. Da escada apenas restavam uns degraus carcomidos e mal seguros, que oscilavam, rabugentos, quando sujeitos a algum peso.

Numa breve pausa do trabalho, Ma Deçu sentou-se à varanda, contemplando o mato à sua frente. Do lugar onde se encontrava, fronteiro à janela, destacava-se a abóbada das copas das árvores imponentes e o emaranhado da vegetação circundante, misturando-se com as casas vizinhas, numa combinação de que só a natureza é capaz. Chegava até ela o canto lamuriento das águas da chuva e trazia-lhe, com veemência, o cheiro pungente da terra a ser desventrada.

Relançou o olhar à sua volta. Só agora reparava na força que vinha do conjunto cerrado e silencioso do arvoredo, como se a mata se preparasse para se defender de um qualquer inimigo invisível.

Para além do que acontecera, ela lembrava-se do pai sempre com afeição e respeito. Retinha ainda bem vivas as imagens da sua infância: a velha casa juncada de fiá codo qué, fetos e buganvílias silvestres; os atalhos que infestavam o mato e por onde seguia para a aventura sempre renovada dos banhos e da apanha do agrião lá na grota de Sum Mé Coliá; o deslumbramento que lhe provocavam os aromas cruzados dos arbustos e das árvores gigantes, e a sinfonia do vento enrodilhando-se por entre eles; a voz afável da mamã Milinda, intercedendo amiúde em seu favor nas vezes em que se deixava estar mais tempo na grota.

Albertino Bragança, *Rosa do Riboque e Outros Contos*

Albertino Bragança nasceu em 1944, licenciou-se em Engenharia Electrotécnica pela Universidade de Coimbra.
Regressou a São Tomé em 1975, desempenhando vários cargos ligados à cultura e à Educação. Foi também ministro da Defesa e dos Negócios Estrangeiros. É membro fundador e secretário da União Nacional dos Escritores e Artistas de São Tomé e Príncipe.
O seu livro Rosa do Riboque e Outros Contos (1985), além de um conjunto de interessantes narrativas, inclui um glossário das expressões e vocábulos do crioulo forro da ilha de São Tomé.

Orientações de leitura

1. Localiza a acção no tempo. Transcreve expressões textuais que comprovem a tua resposta.
2. Como é que as crianças se entretinham?
3. Caracteriza a casa, apoiando a tua resposta em expressões do texto.
4. Ma Deçu senta-se à varanda no intervalo do trabalho.
4.1. O que é que ela recorda nesse momento?
5. Classifica o narrador quanto à presença e quanto ao ponto de vista. Justifica.
6. Refere o nome do autor e da obra de onde foi retirado o texto.

Funcionamento da Língua
1. Relê o primeiro parágrafo e sublinha todos os nomes.
2. Sublinha todas as formas verbais do quinto parágrafo.
3. Dos verbos que sublinhaste indica o verbo que é irregular.
4. Reescreve o quinto parágrafo, mas colocando-o no Presente do Indicativo.

FICHA INFORMATIVA – CLASSIFICAÇÃO DOS VERBOS QUANTO À FLEXÃO

De acordo com a forma como são flexionados, os verbos podem ser classificados como verbos **regulares** e verbos **irregulares**.

VERBO REGULAR

Verbo cujo radical não se altera e que respeita o modelo de conjugação a que pertence.

Ex.: estudar (estudo, estudava, estudara, estudarei, estudaria, estude, estudasse…)

VERBO IRREGULAR

Verbo cuja flexão não respeita o modelo de conjugação a que pertence e em que o radical não se mantém.

Ex.: fazer (faço, fiz, fazia, farei, faça, fizesse…)

Exercícios
1. Da seguinte lista de verbos, selecciona os que são regulares e os que são verbos irregulares, justificando as tuas opções.
a. compor; **b.** comer; **c.** abençoar; **d.** ver; **e.** dizer; **f.** sentir; **g.** sussurrar **h.** concordar

2. Estuda o verbo irregular "fazer" e liga correctamente as duas colunas.

1- fez	**a**- futuro do indicativo
2- *façam*	**b**- condicional
3- *farão*	**c**- presente do conjuntivo
4- *fizéramos*	**d**- pretérito perfeito do indicativo
5- *fariam*	**e**- pretérito mais-que-perfeito do indicativo

Quando os cães deixaram de falar

Sam Fali e Sum Fléflé eram um casal que habitava um luchan[1] distante, perdido no obô[2].
Sum Fléflé foi um dia à caça acompanhado pelo cãozinho fiel, o Loló.
Muita carga ganharam nesse dia.
A carga era bem pesada. Como transportá-la duma só vez?
Tantos quilómetros a percorrer, subir ôquê, descer ôquê[3] «Peneta»[4]; é vida de homem.
Sum Fléflé sentou-se numa pedra a meditar. Nisto Loló agita a cauda e diz em surdina:
- Sum Fléflé, Sum Fléfé, eu ajudo você, se você guardar segredo. Cale a sua boca pi-pi-pi…e não diga nada a ninguém.
- Segredo, Loló porquê?
- Se Sam Fali sabe que eu carrego, meu trabalho de carregador nunca vai acabar – disse Loló.
- Bom, Loló, descansa que eu calo a minha boca.

- Nunca diga também que eu sei falar língua de gente – acrescentou preocupado Loló.

O que é certo é que a carga chegou a casa toda de uma vez, enquanto Sam Fali lavava no ribeiro mais perto a roupa da família.

Quando chegou a casa interpelou o companheiro:

- Fléflé, como é que você conseguiu trazer tanta carga? Quem o ajudou?

- Eu sozinho – respondeu Fléflé.

Fali insistiu, voltou a insistir e ameaçou arrumar a carga e voltar para a casa da mãe.

Sum Fléflé atrapalhado, coçava a cabeça, pensava que a solidão no ôbô era difícil…

Acabou por declarar:

- Nosso cão Loló ajudou o dono.

Loló ouviu, gemeu, gemeu, gemeu, deu voltas ao quintal e foi-se deitar nas cinzas da lareira.

Desde essa altura nenhum cão, nem sequer os seus descendentes, voltou a falar.

Quando os cães deixaram de falar, in Pequeno Reportório do Fabulário do Arquipélago de S. Tomé e Príncipe (adaptado)

1. *Luchan*: termo utilizado em S. Tomé, que significa localidade; 2. *Obô*: floresta; 3. *Ôquê*: ladeira; 4.*Peneta*: felicidade.

Orientações de leitura

1. Nomeia as personagens desta história.
2. Onde é que habitava este casal?
3. Aqui os animais falam. Como se chama este recurso expressivo?
4. Refere os pedidos que Loló fez. Justifica a tua resposta com elementos textuais.
5. Onde se encontrava Sam Fali quando a carga chegou a casa?
6. Sum Flélé não conseguiu guardar o segredo. O que aconteceu a Loló e aos seus descendentes?
7. Indica o recurso expressivo presente na frase: *"Loló ouviu, gemeu, gemeu, gemeu(…)"*

O hipopótamo

Cito do jornal a verdadeira notícia. Rezava assim: "*Um hipopótamo invadiu e destruiu o mobiliário do Centro de Alfabetização e de Corte e Costura do bairro de Munhava, deixando perturbados os residentes do mais populoso bairro da capital de Sofala. (...) O guarda-nocturno daquele centro disse que o animal não era um vulgar hipopótamo mas um exemplar muito estranho que arrombou a porta da escola, introduziu-se na sala de aulas e começou a destruir a mobília. (...) Circula entre a população o rumor de que o hipopótamo é, afinal, um velho cidadão da zona de onde veio o animal e que o referido velho vinha anunciar profecias: que a cidade ficará privada de chuvas e que graves doenças matarão muita gente. O facto coincide com o surto de epidemias que grassa naquela região urbana*." (Fim da citação.)

O jornal não versou[1] o restante sucedido, após o desfecho. Acrescento aqui as versões dos que testemunharam em imperfeito juízo, gente versada[2] em nocturnas aparições. Felizmente, no actual mundo, não há fontes indignas de crédito.

Jordão Qualquer acordou sobressalteado: que barulhos lhe chegavam lá da escola? Ficou inesperado, abstenso. E se decidiu ficar, a ver as consequências de nada fazer. Mas a barulheira aumentava de volume. Na escola alguém desbotava a manta, em assanhos[3] de zaragatunagem. Ladrões, seriam. Mas assim, naquele descaramento? Estariam a tirar as medidas da sua coragem? Jordão puxou a arma e se aproximou da escola. Calcanhava-se, os pés a contradizer a marcha. O tamanho dos ruídos era coisa de afugentar o atrevido e acobardar o herói. O medo é um rio que se atravessa molhado.

Enquanto chegava mais perto Jordão apelava para reforços dos céus: *que os xicuembos*[4] *me segurem*! A lua iluminava o caminho. O luar é bom mas não chega para tirar o espinho do pé. É assim que Jordão não pode autenticar tudo o que viu, as coisas que se seguiram e que couberam mais nos olhos que no pensamento. Pois quando ele espreitou na janela viu o enorme bicho mastigando a máquina de costura. A enormeza de tal mamífero nunca lhe tinha sido vista. Não era um simples, desses. Se diria ser um hiperpótamo. O bichorão descobriu o milícia na moldura da janela. Fixou o homem com os seus olhos ensonados, postos no sótão da testa. Depois, voltou a trincar a mobília. Prosseguia assim o piquenique do pícnico[5].

1. *versou*: revelou. **2.** *versada*: experiente. **3.** *assanhos*: fúrias. **4.** *xicuembos:* espíritos. **5.** *pícnico*: animal ou humano com uma constituição compacta e com membros curtos e grossos.

Mia Couto (1955) nasceu na Beira, Moçambique, e é um dos escritores moçambicanos mais conhecidos no estrangeiro. Foi jornalista, mas actualmente exerce a profissão exerce a profissão de biólogo. Uma das características da sua escrita é o "falinventar", ou seja, a criação de palavras novas. Recebeu já diversos prémios pela sua obra. Publicou, entre outros títulos: Vozes Anoitecidas, Contos do Nascer da Terra, Cada homem é uma Raça, Na Berma de Nenhuma Estrada. Terra Sonâmbula, Mar me Quer, O Outro Pé de Sereia…

Orientações de leitura

1. O texto "O Hipopótamo" divide-se em duas partes distintas. Identifica-as e delimita-as no texto.
2. Atenta na primeira parte do texto.
  2.1. Que facto insólito é relatado na notícia?
  2.2. Existe algo que fundamente tais rumores?
3. Na segunda parte do texto, o narrador propõe-se narrar os factos que não vêm no jornal. A que fontes recorre?
  3.1. Essas fontes serão credíveis? Apresenta a perspectiva do narrador sobre essa questão.
    3.1.1. Classifica o narrador quanto à posição.
4. A partir do 3º parágrafo, a acção passa a ser narrada do ponto de vista de uma personagem.
  4.1. Identifica-a.
  4.2. Faz o seu retrato psicológico, apoiando-te em expressões do texto.
  4.3. Explica por que motivo terá o autor escolhido o nome *"Jordão Qualquer"* para designar essa personagem.
5. "O medo é um rio que se atravessa molhado."
  5.1. O que pretende o narrador transmitir com esta metáfora?

Funcionamento da Língua

1. Uma das características da escrita de Mia Couto é a criação de novas palavras, o que confere uma expressividade especial ao texto.
  1.1. Indica as palavras utilizadas na criação de:
    a) *"sobressalteado"*;
    b) *"inesparado";*
    c) "*abstenso*";
    d) "*zaragatunagem*"
    e) "*calcanhava-se*";
    f) "*hiperpótamo*";
    g) " *bichorão*".

Um mistério egípcio

Chico remexeu-se, João suspirou, as gémeas mostraram-se impacientes, mas não foram só eles. Outros rapazes e raparigas também se sacudiam e reclamavam, fartos de estarem sentados. Receando que tanta impaciência resultasse em asneira, o guia que os acompanhava levantou-se e ergueu um braço. (…)

- Ora as maldições dos faraós têm uma longa história. Querem que lhes conte?

Pergunta inútil, pois não queriam outra coisa.

- Há muitos anos, dois ingleses que pesquisavam no Vale dos Reis acharam o túmulo do faraó Tutankhamon. As portas estavam seladas. Segundo velhas tradições que passaram de boca em boca, era perigosíssimo lá dentro porque o faraó e os seus sacerdotes tinham lançado uma maldição. Quem se atrevesse a perturbar a múmia morreria…

- E eles entraram?

- Sim. Rebentaram os selos e deram início às escavações. Chamaram trabalhadores egípcios, compraram pás, picaretas, e lá se foram enfiando pelos corredores subterrâneos à procura da câmara onde estava a múmia. Cada vez que entravam numa sala, ficavam sem respiração porque em quase todas havia tesouros fantásticos. Mas nunca mais encontravam a múmia. Agora imaginem aquela gente toda debaixo da terra a respirar poeira das escavações, com o coração aos saltos, em ânsias para ver que riquezas iam encontrar quando conseguissem forçar a entrada no compartimento seguinte… mas um dia, quando menos esperavam, aconteceu uma coisa que pôs as

pessoas em alvoroço. Uma cobra que ninguém percebeu de onde vinha irrompeu no acampamento, lançou-se sobre o canário que pertencia aos ingleses e devorou-o. Houve logo quem dissesse tratar-se de um aviso, porque a cobra era um dos símbolos que os faraós usavam na coroa[1].

E os jornais fartaram-se de publicar notícias sobre o assunto, apresentavam a morte do canário como ameaça de além-túmulo, sinal de que haveria mais mortes.

- E houve?

- Sim. Houve. Um dos ingleses foi picado por um mosquito venenoso e morreu antes de ter atingido a sala da múmia. Pouco depois morreu um dos assistentes. Embora os médicos dessem as suas explicações, não faltou quem garantisse ser vingança do morto.

- E os outros arqueólogos não ficaram com medo?

- Não. Eles são cientistas, não acreditam em fantasias. Disseram que cobras há muitas e sempre comeram pássaros. Quanto ao inglês e ao seu assistente, acharam que tinham morrido porque tinham que morrer. Chegara a hora deles… O outro inglês, aliás, viveu mais uma data de anos, sempre de perfeita saúde.

- Então porque é que a pessoa encarregada de decifrar as inscrições desse túmulo que descobriram agora no Vale das Rainhas anda assustada?

O guia riu-se:

- O melhor é perguntarem-lhe pessoalmente.

Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada, *Uma aventura no Egipto*, 4ª ed., Caminho, 2008 (com supressões)

1. A cobra que os faraós usavam na coroa era a representação da deusa Uadjit, protectora do baixo Egipto

Orientações de leitura

1. A acção deste texto decorre no Egipto.

1. 1. Refere os elementos textuais que indiciam essa localização.

2. Inicialmente, o grupo de turistas revela-se um pouco impaciente.

2.1. De que forma conseguiu o guia turístico acalmar os ânimos do grupo?

3. Identifica o grande acontecimento referido pelo guia na história narrada aos turistas.

3.1. Por que motivo era considerado algo simultaneamente extraordinário e perigoso?

3.2. Faz o levantamento das palavras e expressões do texto que remetam para o entusiasmo e para o temor que envolvia esta operação.

3.3. Explica o sentido das expressões:

"passaram de boca em boca";
"ficavam sem respiração";
"com o coração aos saltos".

4. Entretanto, algo aconteceu no acampamento dos arqueólogos ingleses que deixou as pessoas muito perturbadas.

4.1. Relata o sucedido.

5. Apesar de toda a perturbação, os arqueólogos mantiveram uma postura "científica" ao afirmarem que "cobras há muitas e sempre comeram pássaros".

5.1. Que características apresentavam a cobra e o pássaro para que as restantes pessoas ficassem tão assustadas?

6. Pouco depois do sucedido no acampamento, houve, efectivamente, mais mortes.

6.1. Indica as diferentes teorias avançadas para explicar as mortes de um dos arqueólogos e de um assistente.

6.2. Tendo em conta as informações fornecidas no texto, consideras que a pessoa escolhida para decifrar as inscrições do túmulo do faraó tinha uma visão científica do que aconteceu. Justifica a tua resposta.

FICHA INFORMATIVA – COESÃO E COERÊNCIA TEXTUAIS

A palavra texto deriva do latim *textu* – (tecido). Um texto é, assim, um entrelaçamento, ou seja, um conjunto ordenado de enunciados, devidamente articulados de acordo com critérios de coesão e de coerência textuais.

COESÃO TEXTUAL

Há coesão textual quando os vários elementos linguísticos de um texto se encontram ligados entre si. A coesão é assegurada através:

- da **ordem das palavras** na frase: **Ex.:** Eu li um livro. (*Um li eu livro.)
- da **concordância**: **Ex.:** Eu li um livro. (*Eu li uma livro.)

- do uso correcto de **preposições**, **conjunções**, **conectores**: **Ex.:** Li um livro em duas horas; de seguida, fechei-o e arrumei-o.
- da **pronominalização**: **Ex.:** Li um livro em duas horas; de seguida, fechei-o e arrumei-o.
- da **substituição lexical**: **Ex.:** Os livros são mais interessantes do que os filmes; de facto, as películas são pouco expressivas.
- da **repetição intencional**: **Ex.:** Leio muitos livros: leio romances, leio BD, leio poesia…
- do uso interdependente dos **tempos verbais**: **Ex.:** Lembro-me que aos quinze anos li um livro que já lera antes.

Conectores discursivos

Tipo de relação	Conectores discursivos
Adição	e, não só… mas também, nem…nem, além disso, ainda por cima, do mesmo modo, igualmente…
Alternativa	ou, ou…ora….ora, que… quer, em alternativa
Causa	porque, visto que, já que, uma vez que, por causa de…
Comparação	como, também, do mesmo modo…
Concessão	embora, ainda que, ainda assim, apesar de…
Conclusão	logo, portanto, donde se segue…
Condição	se, caso, a não ser que, excepto se…
Consequência	consequentemente, de tal forma que, tanto…que, tal/tais…que…
Contraste/oposição	todavia, contudo, de qualquer modo, em todo o caso…
Dúvida	talvez, possivelmente, é provável que…
Exemplificação	exemplificando, por exemplo, nomeadamente…
Finalidade	a fim de, para que, com vista a, com o objectivo de…
Opinião	na minha opinião, segundo o meu ponto de vista…
Resumo/síntese	resumindo, em síntese…
Sequencialização	em primeiro lugar,, posteriormente, de seguida, concluindo…
Tempo	quando, antes que/de, sempre que, ao mesmo tempo que…

COERÊNCIA TEXTUAL

Considera-se que um texto é coerente quando as **ideias que o constituem se encontram ligados de forma lógica**, permitindo a sua correcta interpretação.

Ex.: Gostei de ler o livro, pois a intriga era interessante.

(Esta frase é coerente, pois a justificação apontada para o facto de se ter apreciado a leitura é lógica.)

Nota: Seria incoerente dizer Gostei de ler o livro, pois a intriga era desinteressante. (A justificação apresentada contradiz o facto de se ter apreciado a leitura – apresenta-se um argumento negativo quando se quer justificar um aspecto positivo.)

Para que um texto seja coerente, é necessário:

- que se **mantenham alguns referentes** (por exemplo, no texto narrativo, podem manter-se como referentes as personagens, o espaço e o tempo);
- que se **introduza informação nova** (garantindo a progressão temática);
- que **não se contradiga o que se disse** (ou que ficou pressuposto) antes.

Exercícios

1. As frases abaixo não são coesas.

1.1. Faz corresponder a cada frase (coluna **A**) o mecanismo de coesão textual que não foi respeitado (coluna **B**).

A	B
1. Eu estou ao teu lado em qualquer situações.	**a.** Ordem das palavras na frase
2. A sala e a cozinha está desocupada.	**b.** Concordância
3. Ao ver a Rosa, cumprimentei a Rosa e dei os parabéns à Rosa pela belíssima actuação.	**c.** Adequação de preposição, conjunção ou conector
4. Vou agora sair em casa.	**d.** Pronominalização
5. Não comi, pois estava com fome.	**e.** Uso interdependente de tempos verbais
6. Ele entrou e, de seguida, fechará a porta; finalmente cumprimentou-me.	
7. Carlos, encontrastes as chaves?	
8. Não azul caneta encontrei-a.	

1.1.1. Reescreve as frases da coluna **A**, de forma a que os critérios de coesão sejam respeitados.

2. O carácter cómico das anedotas deve-se ao uso intencional de incoerência textual.

2.1. Explica a razão pela qual a seguinte anedota pode ser considerada incoerente.

Qual é o cúmulo da avareza?

Espreitar por cima dos óculos para não gastar as lentes.

Equador

João Forjaz calou-se, surpreendido com a veemência[1] do discurso do amigo. Estava ali um Luís Bernardo que ele não conhecera nunca em Lisboa. Não era propriamente a forma empenhada com que defendia as suas ideias e pontos de vista – isso já o tinha visto fazer várias outras vezes, entre amigos, em rodas de salão, em discussões políticas que tantas vezes ocupavam os seus jantares de quinta-feira no Hotel central. Mas agora havia qualquer coisa de diferente, qualquer coisa de mais pessoal, mais radical. S. Tomé mudara o Luís Bernardo que ele se habituara a conhecer. Olhou-o disfarçadamente, enquanto o amigo, voltando a cair no silêncio, comtemplava as águas escuras do estreito sobre as quais o navio progredia penosamente. A seus olhos via, de repente, um homem de sociedade, que se tinha tornado num solitário; um homem tolerante e que adorava a controvérsia, que se tinha tornado estranhamente intransigente; um homem tão desprendido e mesmo fútil em tantas coisas, que agora quase se dava ares messiânicos[2], como se o mundo inteiro tivesse os olhos postos na sua obscura tarefa, ali, nos confins do mar, naquele arremedo[3] de terra e de civilização. Estaria tomado pela importância que atribuía à sua própria missão, sob pena de se sentir ali totalmente inútil, desperdiçando um precioso tempo que poderia gastar algures a viver? Estaria transtornado pela solidão, pelo silêncio das noites e noites consecutivas a falar e a ouvir-se falar sozinho? Estaria perdido, teria perdido o sentido da proporção das coisas?

Miguel Sousa Tavares, *Equador*, 22ª Edição., Oficina do Livro, 2005

1. *veemência*: intensidade, impetuosidade. 2. *messiânico*: de profeta, de redentor. 3. *arremedo*: imitação

Miguel Sousa Tavares nasceu no Porto, em 1952, sendo filho do advogado e jornalista Francisco Sousa Tavares e da escritora Sophia de Mello Breyner Andresen.

A sua carreira literária iniciou-se com o romance de ficção *Equador*. Também publicou obras de literatura infantil: *O Planeta Branco*, O *Segredo do Rio*.

Orientações de leitura

1. Ao longo do texto foca-se a mudança de comportamento de Luís Bernardo.

1.1. Identifica a causa que está na origem dessa mudança.

1.2. Copia o quadro abaixo para o teu caderno e completa-o com citações textuais de forma a evidenciares a evolução psicológica da personagem.

	Lisboa	**São Tomé**
Socialização	*" homem de sociedade"*	
Tolerância		
Sentido de missão		

2. Apesar da mudança psicológica, há um aspecto da personalidade de Luís Bernardo que se mantém.

2.1. Indica-o, evitando transcrever expressões do texto.

3. A caracterização de Luís Bernardo é feita através do ponto de vista de uma outra personagem.

3.1. Identifica essa personagem.

3.2. Que hipóteses coloca esta personagem para a mudança de comportamento de Luís Bernardo?

3.3. Por que razão esta personagem reflectirá sobre a mudança de comportamento de Luís Bernardo através de interrogações retóricas?

3.4. Completa a frase seguinte, assinalando a opção correcta.

As reflexões e os pensamentos desta personagem dão-nos a conhecer o seu…

a. espaço físico. **b.** espaço social. **c.** espaço psicológico.

Funcionamento da Língua

1. Faz corresponder cada conjunção/locução conjuncional sublinhada na coluna **A** à respectiva subclasse, presente na coluna **B**.

A

1. *"Mas agora havia qualquer coisa de diferente"*

2. *"Olhou-o disfarçadamente enquanto o amigo(…), contemplava as águas escuras"*

3. *"Um homem tolerante e que adorava a controvérsia"*

4. *"Ainda que fosse um homem tão desprendido e mesmo fútil, seria feliz?"*

5."*Como se o mundo inteiro tivesse os olhos postos na sua obscura tarefa*"

B

a. Conjunção coordenativa copulativa

b. Conjunção coordenativa adversativa

c. Conjunção coordenativa conclusiva

d. Conjunção subordinativa temporal

e. Locução conjuncional subordinativa concessiva

f. Conjunção subordinativa consecutiva

g. Locução conjuncional subordinativa comparativa

Consulta a **Ficha informativa** sobre a coordenação e subordinação

Retrato de Mónica

Mónica é uma pessoa tão extraordinária que consegue simultaneamente: ser boa mãe de família, ser chiquíssima, ser dirigente da "Liga Internacional das Mulheres Inúteis", ajudar o marido nos negócios, fazer ginástica todas as manhãs, ser pontual, ter imensos amigos, dar muitos jantares, ir a muitos jantares, não fumar,

não envelhecer, gostar de toda a gente, gostar dela, dizer bem de toda a gente, toda a gente dizer bem dela, coleccionar colheres do século XVII, jogar golfe, deitar-se tarde, levantar-se cedo, comer iogurte, fazer ioga, gostar de pintura abstracta, ser sócia de todas as sociedades musicais, estar sempre divertida, ser um belo exemplo de virtudes, ter muito sucesso e ser muito séria.

Tenho conhecido na vida muitas pessoas parecidas com a Mónica. Mas são só a sua caricatura. Esquecem-se sempre ou do ioga ou da pintura abstracta.

Por trás de tudo isto há um trabalho severo e sem tréguas e uma disciplina rigorosa e constante. Pode-se dizer que Mónica trabalha de sol a sol.

De facto, para conquistar todo o sucesso e todos os gloriosos bens que possui, Mónica teve que renunciar a três coisas: à poesia, ao amor e à santidade.

A poesia é oferecida a cada pessoa só uma vez e o efeito da negação é irreversível. O amor é oferecido raramente e aquele que o nega algumas vezes depois não o encontra mais. Mas a santidade é oferecida a cada pessoa de novo cada dia, e por isso aqueles que renunciam à santidade são obrigados a repetir a negação todos os dias.

Isto obriga Mónica a observar uma disciplina severa. Como se diz no circo, «qualquer distracção pode causar a morte do artista». Mónica nunca tem uma distracção. Todos os seus vestidos são bem escolhidos e todos os seus amigos são úteis. Como um instrumento de precisão, ela mede o grau de utilidade de todas as situações e de todas as pessoas. E como um cavalo bem ensinado, ela salta sem tocar os obstáculos e limpa todos os percursos. Por isso tudo lhe corre bem, até os desgostos.

Os jantares de Mónica também correm sempre muito bem. Cada lugar é um emprego de capital. A comida é óptima e na conversa toda a gente está sempre de acordo, porque Mónica nunca convida pessoas que possam ter opiniões inoportunas. Ela põe a sua inteligência ao serviço da estupidez. Ou, mais exactamente: a sua inteligência é feita da estupidez dos outros. Esta é a forma de inteligência que garante o domínio. Por isso o reino de Mónica é sólido e grande.

Ela é íntima de mandarins e de banqueiros e é também íntima de manicuras, caixeiros e cabeleireiros. Quando ela chega a um cabeleireiro ou a uma loja, fala sempre com a voz num tom mais elevado para que todos compreendam que ela chegou. E precipitam-se manicuras e caixeiros. A chegada de Mónica é, em toda a parte, sempre um sucesso. Quando ela está na praia, o próprio Sol se enerva.

O marido de Mónica é um pobre diabo que Mónica transformou num homem importantíssimo. Deste marido maçador Mónica tem tirado o máximo rendimento. Ela ajuda-o, aconselha-o, governa-o. Quando ele é nomeado administrador de mais alguma coisa, é Mónica que é nomeada. Eles não são o homem e a mulher. Não são o casamento. São, antes, dois sócios trabalhando para o triunfo da mesma firma. O contrato que os une é indissolúvel, pois o divórcio arruína as situações mundanas. O mundo dos negócios é bem-pensante.

É por isso que Mónica, tendo renunciado à santidade, se dedica com grande dinamismo a obras de caridade. Ela faz casacos de tricot para as crianças que os seus amigos condenam à fome. Às vezes, quando os casacos estão prontos, as crianças já morreram de fome. Mas a vida continua. E o sucesso de Mónica também. Ela todos os anos parece mais nova. A miséria, a humilhação, a ruína não roçam sequer a fímbria[1] dos seus vestidos. Entre ela e os humilhados e ofendidos não há nada de comum.

E por isso Mónica está nas melhores relações com o Príncipe deste Mundo. Ela é sua partidária fiel, cantora das suas virtudes, admiradora de seus silêncios e de seus discursos. Admiradora da sua obra, que está ao serviço dela, admiradora do seu espírito, que ela serve.

Pode-se dizer que em cada edifício construído neste tempo houve sempre uma pedra trazida por Mónica.

Há vários meses que não vejo Mónica. Ultimamente contaram-me que em certa festa ela estivera muito tempo conversando com o Príncipe deste Mundo. Falavam os dois com grande intimidade. Nisto não há evidentemente, nenhum mal. Toda a gente sabe que Mónica é seriíssima toda a gente sabe que o Príncipe deste Mundo é um homem austero e casto.

Não é o desejo do amor que os une. O que os une é justamente uma vontade sem amor.

E é natural que ele mostre publicamente a sua gratidão por Mónica. Todos sabemos que ela é o seu maior apoio; mais firme fundamento do seu poder.

Sophia de Mello Breyner Andresen, *Contos Exemplares, 29.ª ed.*, Figueirinhas, 1996

1. *fímbria*: extremidade inferior

Sophia de Mello Breyner Andresen (1919-2004) é oriunda de uma abastada família dinamarquesa estabelecida no Porto. Estudou em Lisboa, onde dirigiu movimentos universitários católicos. Autora de uma vasta obra poética, escreveu também contos Filologia Clássica na Universidade (*Contos Exemplares, Histórias de Terra e do Mar*) teatro (*O Colar*) e histórias infanto – juvenis (*A Menina do Mar, O Cavaleiro do Mar…*). Foi galardoada com diversos prémios, incluindo o *Prémio Camões*, o mais importante prémio literário de Língua Portuguesa.

Orientações de Leitura

1. No primeiro parágrafo do texto, o narrador enumera as características que fazem de Mónica uma pessoa "*extraordinária*", com a intenção não de elogiar, mas de criticar.

1.1. Faz corresponder a cada expressão dita pelo narrador (coluna **A**) a sua verdadeira intenção (coluna **B**).

A	B
1. "ser boa mãe de família"	**a.** Dedicar-se a actividades fúteis e inúteis.
2. "ser chiquíssima"; "não envelhecer"	**b.** Exibir gostos culturais supostamente sofisticados e diversificados.
3. "ser dirigente da `Liga Internacional das Mulheres Inúteis`"	**c.** Cumprir as suas funções maternais de forma socialmente adequada, embora não o faça necessariamente com carinho e afectividade.
4. "ajudar o marido nos negócios"	**d.** Transmitir a ideia que é perfeita, embora não o seja.
5. "ter imensos amigos"; "gostar de toda a gente"	**e.** Dar demasiada importância ao seu aspecto físico e imagem.
6. "coleccionar colheres do século XVII"; "gostar de pintura abstracta"	**f.** Gerir as suas relações sociais com base não na verdadeira amizade, mas na conveniência e no politicamente correcto.
7. "ser um belo exemplo de virtudes"	**g.** Controlar e dominar o marido.

2. Depois de enumerar as razões pelas quais Mónica é rica e bem-sucedida, o narrador refere as três "coisas" de que esta abdicou para o conseguir.

2.1. Transcreve do texto a expressão que as identifica.

2.2. Explicita de que forma se verifica, na vida de Mónica, a renúncia a cada uma delas.

3. Para além de irónico, o retrato de Mónica é caricatural, na medida em que se baseia no exagero das suas características.

3.1. Identifica, nas expressões que se seguem, os recursos expressivos que, em articulação com a ironia, expressam o exagero.

a. " Mónica é uma pessoa tão extraordinária que consegue simultaneamente: ser boa mãe de família, (…) e ser muito séria.

b. "Como um instrumento de precisão, ela mede o grau de utilidade de todas as situações e de todas as pessoas."

c. " Por isso tudo lhe corre bem, até os desgostos."

d. " Quando ela está na praia, o próprio Sol se enerva."

e. " Às vezes, quando os casacos estão prontos, as crianças já morreram de fome."

f. " A miséria, a humilhação, a ruína não roçam sequer a fímbria dos seus vestidos."

4. A renúncia à poesia, ao amor, à santidade permite que Mónica se encontre "*nas melhores relações com o Príncipe deste Mundo*".

4.1. Na tua opinião, como pode ser interpretada a expressão *" Príncipe deste Mundo"?* Justifica.

Consulta a **Ficha informativa** sobre a coordenação e subordinação

Funcionamento da Língua

1. Assinala a opção que completa de forma adequada as afirmações.

1.1. Estabelece-se uma relação de coordenação adversativa na frase…

a. Mónica é caridosa e altruísta, pois dedica-se a obras de caridade.
b. Mónica não é caridosa nem altruísta, mas dedica-se a obras de caridade.
c. Embora se dedique à caridade, Mónica não é caridosa nem altruísta.

1.2. Estabelece-se uma relação de subordinação final na frase…
a. Mónica renunciou à santidade para ser bem-sucedida e poderosa.
b. Se Mónica renunciasse à santidade, seria bem-sucedida e poderosa.
c. Sempre que renuncia à santidade, Mónica é bem-sucedida e poderosa.

2. Transforma cada par de frases simples numa frase complexa, estabelecendo a relação indicada.
a. Consequência: Mónica é extraordinária. Mónica não envelhece.
b. Tempo: Mónica chega ao cabeleireiro. Mónica eleva o tom de voz.
c. Explicação: Mónica esconde um desgosto. Os olhos de Mónica não mentem.

3. Assinala os três enunciados da coluna **B** que estabelecem uma relação de concessão com a oração presente na coluna **A.**

A	B
Mónica levanta-se cedo…	**a.** e deita-se tarde. **b.** para fazer ginástica. **c.** ainda que preferisse dormir até tarde. **d.** enquanto o marido se levanta tarde. **e.** mesmo que se tenha deitado tardíssimo. **f.** sempre que é necessário. **g.** pois sente-se revigorada. **h.** embora não tenha nenhum compromisso matinal.

FICHA INFORMATIVA – COORDENAÇÃO E SUBORDINAÇÃO

As **frases complexas** podem relacionar-se por coordenação ou subordinação.

COORDENAÇÃO

A coordenação consiste numa relação entre duas orações da mesma categoria por meio de conjunções ou locuções conjuncionais coordenativas.

Oração coordenada copulativa – expressa **ligação** ou **adição** de informações relativamente à oração anterior.

Ex.: Mónica renunciou ao amor **e** trabalha para o sucesso.

Oração coordenada adversativa – estabelece uma **oposição** relativamente à oração anterior.

Ex.: Mónica ajuda os necessitados, **mas** fá-lo por interesse.

Oração coordenada disjuntiva – estabelece uma **alternativa** relativamente à oração anterior.

Ex.: Amanhã a Mónica irá ao cabeleireiro **ou** fará exercício.

Oração coordenada conclusiva – indica uma **conclusão** relativamente à oração anterior.

Ex.: Luís Bernardo é um bom governador, logo é uma pessoa extraordinária.

Oração coordenada explicativa – apresenta uma **explicação** relativamente à oração anterior.

Ex.: Luís anda feliz, **pois** todos o vêem sorrir.

Conjunções / Locuções conjuncionais coordenativas

	Conjunções	Locuções
Copulativas	e, nem, também,	não só.... mas também, não só.... como também, tanto... como
Adversativas	mas, porém, todavia, contudo, entretanto	apesar disso, no entanto, ainda assim, não obstante, de outra sorte.
Disjuntivas	Ou	Ou...ou, já... já, ora... ora, nem... nem, quer... quer, seja... seja, seja... ou
Conclusivas	logo, pois, portanto	por conseguinte, por consequência
Explicativas	pois, porquanto	

Coordenação assindética – dá-se o nome de coordenação assindética à relação que se estabelece entre orações coordenadas que não são introduzidas por uma conjunção.

Ex.: Luís renunciou ao amor, abdicou da família.

SUBORDINAÇÃO

A subordinação consiste numa relação entre duas orações, uma subordinante e uma subordinada, por meio de conjunções ou locuções conjuncionais subordinativas.

Oração subordinada temporal – exprime uma ideia de **tempo** relativamente à oração subordinante.

Ex.: **Sempre** que Mónica entra numa loja, todos se precipitam para ela.

Oração subordinada causal – transmite **a causa** do que é afirmado na oração subordinante.

Ex.: Mónica é uma mulher extraordinária**, porque** é virtuosa.

Oração subordinada comparativa – estabelece uma **comparação** com a oração subordinante.

Ex.: Mónica contorna os obstáculos **como** um cavalo bem treinado.

Oração subordinada condicional – indica uma **condição** que permite a realização do que é expresso na oração subordinante.

Ex.: Mónica saberá como actuar, **se** tiver algum desgosto.

Oração subordinada concessiva – transmite um **contraste** face à oração subordinante.

Ex.: **Ainda que** bem sucedida**,** Mónica será feliz?

Oração subordinada final – expressa a **finalidade** da ideia indicada na oração subordinante.

Ex.: **Para que** atingisse o sucesso, Mónica renunciou ao amor.

Conjunções/ Locuções conjuncionais Subordinativas

	Conjunções	Locuções
Condicionais	Se, caso	A não ser que, contanto que, desde que, a menos que, salvo se, no caso que, uma vez que, sem que, excepto se
Comparativas	Como, que, quanto	Assim como… assim, assim como… assim também, bem como, como… assim, mais… do que…, ao passo que, segundo (consoante, conforme)… assim, tão (tanto)… como
Causais	Porque, pois, porquanto, como (=porque), que (=porque)	Visto que, pois que, já que, por isso que, por isso mesmo que
Temporais	Quando, enquanto, mal, apenas	Antes que, depois que, logo que, assim que, desde que, até que, primeiro que, sempre que, todas as vezes que, tanto que, à medida que…
Concessivas	Embora	Ainda que, mesmo que, posto que, ainda quando, se bem que, sem que, apesar de que, por menos que, por mais que…
Finais	Que	para que, a fim de que…

Exercícios

1. Transforma cada par de frases simples numa frase complexa, utilizando conjunções/ locuções conjuncionais das subclasses indicadas.

a. Conjunção coordenada explicativa

Não está ninguém em casa. Todas as luzes estão apagadas.

b. Locução conjuncional coordenativa conclusiva

A gravana chegou. Já não se vê o sol.

2. Atenta nas seguintes frases:

a. Entrei na livraria e comprei dois livros.
b. O Francisco está a chorar, pois magoou-se na perna.
c. Vens comigo ou vais com o teu irmão?
d. Nós ganhámos este jogo, logo ficámos apurados para a final.
e. O João foi despedido, mas já arranjou outro emprego.

2.1. Como se designa **o processo de articulação de orações** que constituem as frases anteriores?
2.2. Classifica, agora, as **orações** dessas frases.

3. Lê as seguintes frases:

a. Levantei-me cedo e tomei banho.
b. Acabei de almoçar, lavei a loiça.
c. Tentei falar com o meu primo, mas ele não atendeu.
d. O Luís foi à piscina, a Maria ficou em casa.
e. Os preços aumentaram, logo temos de poupar.

3.1. Identifica as frases constituídas por orações assindéticas.
3.2. Por que motivo têm essa designação?

4. Atenta nas orações coordenadas sublinhadas e estabelece correspondências correctas.

a. Estou triste, <u>pois o Rui adoeceu</u>.
b. Vamos embora <u>ou ficamos</u>?
c. É sábado, <u>logo não há aulas</u>.
d. Adormeci, <u>mas cheguei a horas</u>.
e. Terminei o teste <u>e revi as respostas</u>.

1. Oração coordenada copulativa
2. Oração coordenada adversativa
3. Oração coordenada explicativa
4. Oração coordenada disjuntiva
5. Oração coordenada conclusiva

5. Atenta nas seguintes frases e assinala correctamente o processo de articulação das orações que as constituem.

	Coordenação	Subordinação
a. Quando cheguei a casa, o jantar estava pronto.		
b. Portei-me mal na aula, logo fui repreendido.		
c. Gostava de ir ao cinema, mas estou com febre.		
d. Se fizeres algum disparate, ficas de castigo.		
e. Embora tenha corrido, perdi o autocarro.		
f. Comprei ovos para fazer um bolo.		
g. Vou hoje ao médico, pois não me sinto bem.		

5.1. Indica, agora, se as seguintes afirmações são verdadeiras (**V**) ou falsas (**F**) e corrige as falsas.

a. Na frase **a**., existe uma oração subordinada temporal.
b. Na frase **b**., existe uma oração subordinada concessiva.
c. Na frase **c**., existe uma oração coordenada adversativa.
d. Na frase **d**., existe uma oração subordinada causal.
e. Na frase **e**., existe uma oração subordinada concessiva.
f. Na frase **f**., existe uma oração subordinada final.
g. Na frase **g**., existe uma oração coordenada conclusiva.

6. Lê as frases seguintes e substitui as **conjunções** por **locuções conjuncionais** com o mesmo valor, fazendo as alterações necessárias.

a. O Flávio foi ao estádio, embora não goste de futebol.
b. A Luísa levou os filhos à escola e foi ao médico.
c. O António brinca dentro de casa quando chove.
d. Não falo contigo se não me disseres toda a verdade.
e. A mãe foi às compras porque a fruta acabou.

A giba do meu compadre

Havia dois compadres muito amigos e ambos eram defeituosos. Um tinha *pé giba* e o outro *mucluclu.* O que tinha *pé giba* era uma pessoa de carácter positivo e conformara-se com a sua sina. O outro era precisamente o oposto e apregoava constantemente aos sete ventos que Deus era *frito e cozido*…Feitos, cada um tem o seu! Aliás. não há ninguém perfeito, todos temos os nossos defeitos. Os deles eram estes!

Certo dia, o compadre do *pé de giba* regressava de um nozado, a altas horas da noite, quando viu três mancés a tocarem uma convidativa batucada. Apesar do aleijão, entrou no terreiro, começou a dançar e cantou:-Sexta…sábado…sexta…-Os mancé, que afinal de contas eram almas do outro mundo, gostaram muito do *vungu* e exclamaram: *Nós gostámos muito deste vungu e como prémio, podes pedir aquilo que tu quiseres.*

O homem, embaraçado, apenas pediu que o livrassem do horrível aleijão. Os mancé não só o livraram da deformidade física como também lhe deram uma bolsa com muito dinheiro. Livre do defeito e com o dinheiro que conseguira, parecia outra pessoa e levava uma vida desafogada. O outro compadre inchou-se de raiva ao saber do sucedido e pôs-se ainda mais furioso com Deus, e dia e noite prosseguia com as suas imprecações contra Sumu. Passavam-se os meses e, já não podendo mais conter-se, vendo a felicidade do seu compadre, resolveu tirar tudo a limpo.O seu compadre não se fez rogado e contou-lhe tudo, sem ocultar o mínimo pormenor. Satisfeito com as valiosas revelações, pôs-se a deitar contas à vida e a falar com os seus botões: Se o meu compadre apenas disse duas palavras e está feito, se eu acrescentar mais duas, serei na certa muito mais rico do que ele. Se assim pensou, assim o fez. Preparou tudo meticulosamente e, mal ouviu o batuque, pôs-se a cantar: Sexta…sábado…também…Os macés hirtos de cólera vociferaram: Bravo! Bravíssimo! acompanhando de sardónicas e estrepitosas gargalhadas. Subitamente pararam a batucada e bradaram encolerizados: Cá bóca! E antes que o homem pudesse persignar-se, os mancé, que não eram outra coisa senão o diabo, arremessaram-no para cascos de rolha. Para mal dos seus pecados, verificou que estava também com o aleijão do compadre.

Conto Tradicional de S. Tomé, in *Butá cloçon bá longe*, Jerónimo Salvaterra

Orientações de leitura
1. Do que padeciam os compadres?
2.Refere as características que ambos tinham em comum.
3.Quem eram os mancé?
4.Indica qual foi o pedido feito pelo compadre do pé giba.
5.Que lição de moral se pode tirar desta história? Justifica a tua resposta.

FICHA INFORMATIVA – CONJUGAÇÃO PRONOMINAL

CONJUGAÇÃO PRONOMINAL

1. O pronome coloca-se, geralmente, depois da forma verbal ficando ligado a esta por um hífen.

Ex.: Eu entrego-**a** quando chegares.

Eu dei-**lhe** uma prenda.

1.1. O pronome - **o/-a, -os/as** não se altera se a forma verbal termina em vogal ou ditongo oral.

Ex.: Comprei-**o** para ti.

1.2. Se a forma verbal terminar em **–r, s** ou **z**, estas consoantes são eliminadas e o pronome adopta a forma – **lo/la**, **los/las**.

Ex.: Tu vais adquiri-**lo?**

Mas: Tu tem-la.

Ele quere-a.

1.3. Quando a forma verbal termina em sílaba nasal (- am, em, im) ou ditongo nasal (- ão, õe), o pronome toma a forma de – **no/-na, - nos/-nas**.

Ex.: Eles fizeram-**nos** e venderam-**nos** facilmente.

O João propõe-**na** sempre para delegada de turma.

2. O pronome pode colocar-se antes do verbo e depois das preposições, conjunções e advérbios.

Assim: **preposição/advérbio/conjunção + pronome + verbo**

Ex.: Quando **o** vejo, fico contente.

Não percebo porque **nos** vamos embora. Não **lhe** dizes nada?

Nota: Com o Futuro do Indicativo e com o Condicional, o pronome surge intercalado na forma verbal.

Ex.: Ele devoraria **o bolo** se o deixassem. – Ele devorá-**lo**-ia se o deixassem.

A encomenda será entregue **à Rosa**. – A encomenda ser-**lhe**-á entregue.

CONJUGAÇÃO PRONOMINAL REFLEXA

Quando a forma verbal é acompanhada de um pronome pessoal reflexo (me, te, se, nos, vos, se), o que faz com que a acção recaia sobre o próprio sujeito.

Ex.: A criança **veste-se.**
Eu **penteio-me.**

CONJUGAÇÃO PRONOMINAL RECÍPROCA

Neste caso, exprime-se uma recíproca, ou seja, dois ou mais sujeitos praticam a acção, mas também beneficiam dessa acção.

Ex.: Pai e filho **abraçaram-se** emotivamente

Exercícios

1. Reescreve as frases, substituindo as expressões sublinhadas pelos pronomes correspondentes:

a. Se falas assim ao teu amigo, ele fica magoado.
b. Jamais contaria essa mentira aos meus amigos.
c. Leram o texto com atenção.
d. Pus o livro na estante.
e. Guardámos os livros no escritório.
f. Ele quer uma obra teatral para ler em casa.
g. Sempre que possível visitem o museu de São Tomé.
h. Lemos esse drama com muito interesse.
i. Tu tens um autógrafo do Padre Sacramento Neto na primeira página do teu livro.

2. Estabelece a correspondência entre as colunas.

A	B
1. Os dois amigos cumprimentaram-se.	**a.** Conjugação pronominal
2.Vimo-lo no bar da escola.	**b.** Conjugação pronominal reflexa
3. Ele viu-se ao espelho.	**c**. Conjugação pronominal recíproca

3. Substitui o pronome das frases seguintes por um nome (com função de complemento directo).

Exemplo: Eles viram-nas. – Eles viram as notícias.

a. Tu atendeste-o?	**b.** A Ana levá-lo-á a tua casa.	**c.** Nós encontrá-la-íamos se fosse possível.
d. Eu não os tenho visto na escola.	**e** O Pedro vai fazê-la comigo.	**f.** Trá-lo imediatamente.

4. Substitui o pronome das frases seguintes por um nome (com função de complemento indirecto).

a. Os amigos fizeram-lhe uma grande festa.
b. Estas encomendas ser-lhe-ão entregues a tempo.
c. O criado serviu-lhes o café no escritório.
d. Estas calças assentam-lhe na perfeição.

5. Reescreve os seguintes excertos textuais, substituindo as expressões sublinhadas pelos pronomes pessoais adequados.

a. "quando viu três mancés a tocarem uma convidativa batucada"
b. " Com o dinheiro que o rei lhe deu, mandou construir uma casa nova,…"
c. Eles ofereceram a bengala à velha.

Confundindo histórias

- Era uma vez uma menina que se chamava Capuchinho Amarelo.
- Não, Vernelho!
- Ah, sim, Capuchinho Vermelho. A mãe chamou-a e disse-lhe: Ouve Capuchinho Verde…
- Mas não, Vermelho!
- Ah, sim Vermelho. Vai a casa da tia Diomira e leva-lhe estas cascas de batata.
- Não: vai a casa da avó e levalhe esta torta.
- Está bem: a menina meteu-se pelo bosque e encontrou uma girafa.
- Que confusão! Encontrou um lobo, não uma girafa.
- E o lobo perguntou-lhe: quanto é seis vezes oito?
- Nada disso. O lobo perguntou-lhe: Onde vais?
- Tens razão. E o Capuchinho negro respondeu…

- Era vermelho, vermelho, Capuchinho Vermelho!

- Pois, e respondeu: Vou ao mercado comprar molho de tomate.

- Nem por sombras. Vou a casa da avozinha, que está doente, mas perdi-me.

- Exacto. E o cavalo disse….

- Qual cavalo? Era um lobo.

- Certo. E disse assim: Toma o autocarro número setenta e cinco, desce na Praça da Catedral, volta à direita, encontrarás três degraus e uma moeda no chão, deixa estar os três degraus, arrecada a moeda e compra uma pastilha elástica.

- Avô, tu não sabes realmente contar histórias, confunde-las todas. Mas a pastilha elástica vou comprá-la na mesma.

- Está bem, toma o dinheiro.

E o avô voltou ao seu jornal.

Gianni Rodari, *Novas Histórias ao Telefone*, trad.de Maria de Assunção Santos

Orientações de Leitura

1. Nesta conversa entre o avô e a neta, o avô confunde uma série de pormenores importantes na história do Capuchinho Vermelho. Indica para cada caso as confusões patentes no texto:

a. O Capuchinho Vermelho com… **b.** a avó com…. **c.** a torta com
d. o lobo com…. **e.** a ida a casa da avozinha com… **f.** o caminho através do bosque com…

2. Quase no fim do diálogo, o avô profere algumas instruções.
2.1. Indica duas características específicas relativas ao acto de dar instruções presentes nessa parte do texto.

3. Caracteriza, com base na última frase do texto, a disposição do avô.

Consulta a Ficha Informativa sobre o Discurso Directo/Discurso Indirecto

Funcionamento da Língua

1. O texto está escrito maioritariamente no discurso directo.
1.1. Identifica a única excepção.

2. Passa o excerto seguinte para o discurso indirecto, utilizando verbos introdutores do relato do discurso:
" – Que confusão! Encontrou um lobo,não uma girafa!"

3. Faz a análise sintáctica das frases:
a. "A mãe chamou-a e disse-lhe…"
b. **"**Vai a casa da tia Diomira e leva-lhe estas cascas de batata."
c. "… a pastilha elástica vou comprá-la…"

4. Atenta na frase:" Contou-lhe uma história."
4.1. Transforma-a, fazendo as seguintes alterações:
a. acrescenta um sujeito composto;
b. acrescenta um vocativo;
c. acrescenta um complemento circunstancial de modo;
d. acrescenta um complemento circunstancial de lugar e de tempo.

Consulta a Ficha Informativa sobre as Funções Sintácticas

FICHA INFORMATIVA – FUNÇÕES SINTÁCTICAS

SUJEITO

Sujeito: aquele que desempenha a acção.

Tipos de Sujeito:

- **Sujeito Simples** - é expresso em um só núcleo.

  Exemplos: O meu cão gosta de brincar com as crianças.
  O Pedro passou de ano.

- **Sujeito composto** - é expresso, pelo menos, por dois núcleos, separados por vírgula ou pela copulativa "e".

  Exemplos: O cão e o gato gostam de brincar com as crianças.
  O Pedro e a Maria passaram de ano.

- **Sujeito Subentendido** - não é expresso porque se subentende o agente da acção que aparece expresso em frase anterior ou posterior à frase em causa, quando não se refere às primeiras pessoas gramaticais (Eu e Nós).

  Exemplos: Os meus pais saíram à noite; foram ao cinema.

  A primeira frase explicita o sujeito. Por isso, na segunda frase, é desnecessário explicitá-lo novamente, por ser o mesmo. Passa, assim, a estar subentendido através da forma verbal que corresponde à mesma pessoa gramatical (3ª pessoa do plural).

- **Sujeito Indeterminado**- distingue-se do sujeito subentendido, porque não vem expresso anterior ou posteriormente à frase em causa, visto o sujeito não interessar tanto quanto a acção em causa. É ela (a acção) que se torna o centro da atenção na frase.

  Exemplos: Assaltaram hoje muitas lojas em Santana.

  Desconhece-se o sujeito da acção, aquilo que se pretende realçar é o assalto às lojas, o acontecimento em si.

  Disse-**se** muita asneira naquela palestra.

  A partícula "se" denominada "índice de indeterminação do sujeito" tem o mesmo valor que a forma verbal na 3ª pessoa do plural na frase acima: o que interessa é a acção – o ter-se dito asneiras e não quem as disse.

- **Sujeito Inexistente** - existem verbos que não possuem sujeito; são eles verbos que expressam os fenómenos da natureza.

  Exemplos: Trovejou muito esta tarde.
  Ventou toda a noite.
  Está a chover muito.

PREDICADO

- **Predicado Nominal** - É constituído por um verbo copulativo ou de significação indefinida, isto é, que necessita de ser acompanhado de um nome, um pronome, um adjectivo, um advérbio, que referindo-se ao sujeito, completa a sua significação.

  Exemplo: O chocolate é saboroso.

- **Predicativo do Sujeito**- É a função sintáctica desempenhada pela palavra ou expressão que se juntam aos verbos copulativos ou de significação indefinida.

  Exemplo: O Paulo parece triste.

NOTA: Verbos Copulativos: Ser, estar, aparecer, continuar, ficar, parecer, permanecer,…

- **Predicado Verbal**- É constituído por um verbo que por si só pode constituir predicado seguido ou não de complementos.
  Exemplos: O aluno estuda.
  A Maria leu o livro.
  O João telefonou à namorada.

NOTA: É constituído por verbos significativos, que podem ser intransitivos ou transitivos.

- **Verbos intransitivos**— São aqueles que possuem sentido completo, não carecendo, por isso, de qualquer complemento.
  Exemplo: O meu sobrinho já nasceu.

- **Verbos transitivos** - São aqueles que se revelam insuficientes para exprimir integralmente a acção, precisando, portanto, de ser completados.

  Esse complemento pode ligar-se directamente ao verbo **(complemento directo**) ou por intermédio de uma preposição **(complemento indirecto**). Em alguns casos o verbo exige os dois tipos.

  Exemplos: Os rapazes jogam futebol. (CD - "futebol")
  O presidente falou ao país. (CI - "ao país")
  A Maria escreveu uma carta à tia. (CD - "uma carta", CI - "à tia")

COMPLEMENTO DIRECTO E INDIRECTO

- **Complemento Directo** - É a palavra ou palavras que designam o objecto sobre o qual recai directamente a acção significada pelo verbo.

  Exemplos: Construí **uma casa**.
  Os Portugueses difundiram **a língua** por toda a parte.
  Amo **a honestidade**.
- **Complemento Indirecto**- É a palavra ou expressão que designa a pessoa ou coisa sobre a qual indirectamente recai a acção expressa pelo verbo.

  Exemplos: Emprestei**-lhe** um livro.
  Dou aula **aos alunos**.

PREDICATIVO DO COMPLEMENTO DIRECTO

Alguns verbos pedem, além do complemento directo, uma palavra ou expressão equivalente que, completando a sua significação, qualifica aquele complemento.

Exemplos: Encontrei-o pensativo.
Considerava-o como um filho.

Pedem predicativo do complemento directo os verbos transitivos (quando estiverem na voz activa): achar, chamar, considerar, nomear, declarar, denominar, tornar, …

ELEMENTOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO

- **Complemento Circunstancial**- designa uma circunstância ocasional da acção do verbo.
  - **de modo** : Lê com atenção.
  - **de lugar**: Nasceu em Lisboa. Vou para Paris.
  - **de fim**: Trabalha para viver.
  - **de tempo**: Chegou a casa ontem.

- **de companhia**: Vive com a família.
- **de meio**: Viaja de comboio.
- **de causa**: Caiu de fraqueza.

- **Complemento Determinativo**- É o complemento introduzido pela preposição de que acrescenta alguma indicação ao nome que o precede.

  Exemplo: O livro de Ciências tem imagens lindas.

VOCATIVO

É o complemento que designa o nome da pessoa, animal ou coisa personificada, a quem nos dirigimos.
Exemplos: - Ó Elsa, chega aqui.
– Tens razão, Mariana.
– Artur! – Chamou o pai.

Exercícios

1. Reescreve as frases seguintes, transformando os sujeitos compostos em sujeitos simples, usando um pronome pessoal.
a. O Carlos e o avô foram à discoteca.
b. A vossa professora e eu vamos ter uma grande conversa.
c. Tu e o António também querem vir connosco?

2. Sublinha o predicado de cada uma das frases simples.
a. As duas irmãs ganharam o concurso de Matemática.
b. Ele ofereceu uma flor à mãe.
c. Li cinco livros nas férias.

3. Expande as frases acrescentando-lhe complementos, de acordo com as indicações.
a. Comi uma tarte deliciosa. (tempo)
b. A poetisa foi homenageada. (lugar)
c. Ele respondeu ao professor. (modo)

4. Faz a análise sintáctica das frases seguintes:
a. A senhora pediu ajuda à polícia.
b. A criança dormiu tranquilamente.
c. Ele entregou a encomenda ao patrão.
d. Ela realizou a tarefa impecavelmente.

O TEXTO POÉTICO

O QUE É A POESIA?

É utilizar palavras comuns, mas com uma finalidade diferente, querendo dar-lhe novos sentidos, brincando, com elas.

É usar as palavras para comunicar sentimentos, emoções, estados de alma.

É retirar dos sons das palavras novos sentidos.

É criar música com as palavras através da rima, do ritmo, da métrica.

É escrever um texto com uma mancha gráfica diferente, organizada em versos e em estrofes.

É, algumas vezes, não seguir as regras da gramática.

Para que serve a poesia?

A poesia serve para o poeta, uma pessoa comum, mas que vê o mundo de modo diferente, expressar a sua maneira de encarar a realidade que o cerca, exprimir os seus sentimentos e emoções, contar pequenas

histórias, tomar posição sobre as coisas da vida, reflectir sobre um momento, sobre as pessoas e objectos com os quais se relaciona.

O que é a Poesia?

(…) a poesia, apesar de se fazer com palavras, está muito para além delas. É aquilo que essas palavras conseguem levar e depositar no nosso coração. E para que isso aconteça, não é preciso que sejam palavras complicadas, frases elaboradas, rimas perfeitas. (…) É outra coisa. Que não se consegue nomear, mas que se sente. (…)

E não há uma maneira única de escrever poesia. Há quem, através da poesia, conte uma história; há quem evoque cenas familiares; há quem escreva sobre um cheiro ou um olhar; há quem, muito simplesmente, brinque com as palavras e os seus sons.

Há poemas sobre animais, sobre pessoas, sobre sentimentos, sobre a natureza. Há poemas sobre fadas, sobre pastores, sobre crianças e velhos. Há poemas sobre uma rua, sobre uma casa, sobre uma pedra que de repente se encontra a meio do caminho. Há poemas sobre a tristeza e sobre a alegria. E podemos rir e chorar com eles. Pode-se escrever um poema a propósito de tudo. Não há temas melhores ou temas piores: há a arte de escrever a seu respeito de uma maneira criativa, ou seja, de uma maneira que seja só nossa.

Alice Vieira, *O Meu Primeiro Álbum de Poesia*, Dom Quixote (com supressões)

Compreender o texto

1.A escritora Alice Vieira dá-nos algumas pistas para que possamos compreender o que é a poesia. De facto, a poesia está em toda a parte.

1.1. Completa as seguintes frases de acordo com o sentido do texto que leste.

a) Poesia é…

b) Escrever poesia é …

c) Há poemas sobre …

"Peguem num poema e leiam-no. Não é preciso mais nada."

Eugénio de Andrade, in *Público*, 21 de Junho de 2001

VERSIFICAÇÃO – ALGUMAS CONVENÇÕES

Recorda e aprende algumas noções específicas da poesia:

- **Verso –** cada uma das linhas do poema.

- **Estrofe** - é um conjunto de versos que formam uma unidade gráfica. Conforme o número de versos que as constituem, as estrofes recebem nomes diferentes:

monóstico – um verso;

dístico – dois versos;

terceto – três versos;

quadra – quatro versos;

quintilha – cinco versos;

sextilha – seis versos;

sétima – sete versos;

oitava – oito versos,

nona – nove versos;

décima – dez versos;

irregular – mais de dez versos.

- **Rima** - é a semelhança ou igualdade de sons entre duas palavras (normalmente em final de verso). Só se consideram, para este efeito, os sons da vogal da sílaba tónica até ao final da palavra.

  - **Tipos de rima**

Rima cruzada: rima de versos intercalados com outros de rima diferente, segundo o esquema *abab, abcb*…

Verdes são os campos, a
Da cor do limão b
Assi são os olhos c
Do meu coração. b

rima cruzada

Rima emparelhada: rima de versos seguidos que rimam dois a dois, segundo o esquema rimático *aa, bb, cc*…

Rima interpolada: rima de versos que se encontram separados o esquema rimático *abba, abca*…

Gados que paceis a
co contentamento, b
vosso mantimento b
não o entendeis; a

rima emparelhada

rima interpolada

Os versos que não rimam denominam-se **versos soltos** ou **brancos**.

Que traz o verão, a
E eu das lembranças b
Do meu coração. a

verso solto ou branco

Mãe África

Nossa Senhora de África
Mosaico de culturas
Mesmo a sul da América
Tens diásporas de esculturas

Nossa Senhora de África
Rainha do continente
Dos registos da escravatura
Muitas coisas tens na mente.

Mãe África em ébano talhada
Recorda Rainha Ginga
E também rei Amador
Na senda do equador

Zimbabué talhada em pedra
África do Sul de Mandela
Mãe África de Amílcar Cabral
Escuta lá, Sam Mé Deçu
As preces em teu redor.

Mãe África nossa esperança
Protege com manto de bonança
A juventude em flor
Deste país por favor.

Alda Espírito Santo

Alda Espírito Santo (1926- 2010) nasceu na cidade de são Tomé, na ilha de São Tomé e Príncipe. Frequentou o Curso de Magistério Primário em Lisboa, tendo exercido a docência durante anos na sua terra natal. Exerceu diversos cargos governamentais, foi Presidente do Fórum das Mulheres de São Tomé e Príncipe (FMS) e Presidente da União Nacional dos Escritores e Artistas (UNEAS).

Orientações de leitura

1.Faz a caracterização da "Mãe África".
2.Retira do texto nome de personagens históricas.
3. Quem é que a mãe África deve proteger? Porquê?
4. Identifica a figura de estilo presente no primeiro verso da primeira e segunda estrofes.
5. Em quantas estrofes está organizado este poema?
6. Faz o esquema rimático da primeira estrofe e classifica o tipo de rima.
7. Completa a frase:
Uma estrofe de quatro versos é denominada de _____ e uma de cinco versos é uma _____.

O último andar

No ÚLTIMO ANDAR é mais bonito:
do último andar se vê o mar.
É lá que eu quero morar.

O último andar é muito longe:
custa-se muito a chegar.
Mas é lá que eu quero morar.

Todo o céu fica a noite inteira
sobre o últmo andar.
É lá que eu quero morar.

Quando faz lua no terraço
fica todo o luar.
É lá que eu quero morar.

Os passarinhos lá se escondem,
para ninguém os maltratar:
no último andar:

De lá se avista o mundo inteiro:
Tudo parece perto, no ar.
É lá que eu quero morar.

no último andar.

Cecília Meireles, *Obra Poética*, Nova Aguilar, 1983

Cecília Benevides de Carvalho Meireles (1901-1964) nasceu na cidade do Rio de Janeiro, no Brasil. Começou a escrever poesia aos nove anos e publicou o seu primeiro livro aos dezoito anos. Foi poetisa, professora e jornalista. Fundou, em 1934, a primeira biblioteca infantil do Rio de janeiro e quase toda a sua poesia é dedicada a crianças. Ganhou o prémio de Poesia da Academia Brasileira das Letras com o livro *Viagem*, em 1939.

Compreender o texto

1.Que motivos levam o sujeito poético a querer morar "no último andar"?

2.O último verso da segunda estrofe começa pela palavra "Mas".

2.1. Justifica a sua utilização no início deste verso.

3. Que ideia/sentimento se pretenderá transmitir com a repetição do verso " É lá que eu quero morar." no final de várias estrofes?

4. Propõe uma explicação para o facto de o último verso do poema – "no último andar." – aparecer isolado.

5. Observa a estrutura do poema.

5.1. Em quantas estrofes está organizado?

5.2. Atendendo ao número de versos de cada estrofe, como as classificas?

5.3. Identifica as rimas presentes.

Escrita

Apresentamos-te mais um poema de Cecília Meireles, com os versos baralhados. Reconstrói o poema no teu caderno, orientando-te pela pontuação, pelas maiúsculas e ainda pelas seguintes informações relativas à estrutura do poema:

- a primeira estrofe é: *" Enquanto não têm foguetes"*
- são três estrofes: duas quadras e um terceto;
- na primeira estrofe, o segundo verso rima com o quarto;
- na segunda estrofe, há rima cruzada;
- na última estrofe, o primeiro e o terceiro verso rimam.

Para ir à Lua

Vão cegos de vaidade:	Mas são apenas marmanjos.	para ir à Lua,
os meninos deslizam de patinete	que grande felicidade	de longas asas!
Ser veloz é ser feliz.	mesmo que quebrem o nariz,	pelas calçadas da rua.
Enquanto não têm foguetes	Ah! se pudessem ser anjos	

Cecília Meireles. *Ou isto ou Aquilo*, 6ª ed., Nova Fronteira, 2002, (texto adapatado)

No Comboio Descendente

No comboio descendente
Vinha tudo à gargalhada,
Uns por verem rir os outros
E os outros sem ser por nada —
No comboio descendente
De Queluz à Cruz Quebrada…

No comboio descendente
Vinham todos à janela,
Uns calados para os outros
E os outros a dar-lhes trela —
No comboio descendente
Da Cruz Quebrada a Palmela…

No comboio descendente
Mas que grande reinação!
Uns dormindo, outros com sono,
E os outros nem sim nem não —
No comboio descendente
De Palmela a Portimão…

Fernando Pessoa, *Poesia de Fernando Pessoa para Todos*,Col. Oficina dos Sonhos, Porto Editora, 2008

Fernando António Nogueira Pessoa (1888-1935) distinguiu-se como poeta e, juntamente com outros artistas seus contemporâneos, lançou a revista Orpheu, em 1915, que causou uma revolução cultural no país pelas suas composições de carácter modernista.
O génio de Pessoa manifesta-se não só na poesia que assina com o seu nome (poesia ortónima), mas também pelo facto de ter criado múltiplas personalidades literárias, os heterónimos. Destes destacam-se Álvaro de Campos, Ricardo Reis e Alberto Caeiro. Apesar da vasta obra que deixou, *Mensagem* foi o único livro que viu publicado em vida.

Orientações de leitura

1. O poema descreve uma viagem de comboio.

1.1. Refere o percurso do comboio desde o ponto de partida até ao local de chegada.

2. Ao longo do poema verifica-se uma alteração no ambiente vivido no interior do comboio.

2.1. Estabelece as correspondências entre as estrofes do poema e os sentimentos/sensações que predominam em cada uma delas.

a) 1.ª estrofe	**1.** Cansaço e sonolência
b) 2.ª estrofe	**2**. Interesse e distracção
c) 3.ª estrofe	**3**. Alegria e animação

3. Poder-se-á ver no "comboio descendente" uma metáfora das etapas da vida humana: juventude, maturidade e velhice? Justifica o teu ponto de vista.

3.1. Como explicas, então, o significado do adjectivo " descendente"?

4. Analisa a estrutura formal do poema.

Funcionamento da língua

1.Retira do texto:

1.1. um sinónimo de:

a) emudecidos;

b) gargalhar.

1.2. um antónimo de:

a) ascendente;

b) apatia.

2. Faz o levantamento de todas as preposições presentes na primeira estrofe do poema.

SINONÍMIA/ANTONÍMIA

PALAVRAS SINÓNIMAS

São palavras que têm um significado idêntico. O emprego destas palavras depende do contexto onde são utilizadas.

Ex:. A **casa** onde moro fica numa zona bonita da cidade.

O **apartamento** onde moro fica numa zona bonita da cidade.

PALAVRAS ANTÓNIMAS

São palavras que possuem significado contrário.

Ex:. O João **deu**-me os bilhetes para o concerto.

O João **tirou**-me os bilhetes para o concerto.

Exercícios

1. Identifica a relação semântica que as seguintes palavras estabelecem entre si.

observar/mirar/olhar/contemplar

2. Apresenta um antónimo para as palavras seguintes:

a) olvidar **b)** desaparecer **c)** destruição **d)** denotativo **e)** oponente

3. Apresenta um sinónimo para as palavras seguintes:

a) gargalhada **b)** reinação **c)** problema **d)** contente **e)** infeliz

4. Identifica o tipo de relação que se estabelece entre as palavras sublinhadas das seguintes frases:

a) O teu bolo tem um óptimo aspecto, o meu ficou péssimo.

b) O teu irmão esteve fantástico, fez um concerto estupendo!

Praia

Os pinheiros gemem quando passa o vento
O sol bate no chão e as pedras ardem.

Longe caminhavam os deuses fantásticos do mar
Brancos de sal e brilhantes como peixes.

Pássaros selvagens de repente,
Atirados contra a luz como as pedradas,
Sobem e morrem no céu verticalmente
E o seu corpo é tomado nos espaços.

As ondas marram quebrando contra a luz
A sua fronte ornada de colunas.

E uma antiquíssima nostalgia de ser mastro
Baloiça nos pinheiros.

Sophia de Mello Breyner Andresen, *Antologia*, Col. Círculo de Poesia,Moraes Ed., 1975

Orientações de leitura

1. O olhar do sujeito poético apresenta-nos um cenário à beira-mar.

1.1. Refere os elementos que constituem a descrição da *praia*.

2. Atenta nos versos que referem os pinheiros.

2.1. Que som produzem estas árvores ao serem perpassadas pelo vento?

2.2. Que sentimento se lhes atribui na última estrofe?

2.3. Identifica o recurso expressivo presente nestes versos e explica a sua expressividade.

3. Os reflexos brilhantes do mar, vistos de longe sob um sol intenso, podem parecer o rasto de passagem de seres fantásticos.

3.1. Que seres são esses?

3.2. Como são caracterizados?

4. Assinala como verdadeiras (**V**) ou falsas (**F**) as afirmações relativas aos pássaros mencionadas na terceira estrofe, corrigindo as falsas.

a) Os pássaros pairam suavemente sobre o mar.

b) Os pássaros morrem enquanto voam.

c) As aves vivem na gaiola, dormitando, e lá regressam depois do passeio.

d) Os pássaros voam tão alto que desaparecem no horizonte.

e) As aves riscam bruscamente os amplos espaços, subindo e descendo velozmente.

f) Os pássaros são selvagens.

Funcionamento da língua

1.Elabora a família de palavras do vocábulo "mar".

2. Atenta no primeiro verso do poema.

2.1. Divide-o em orações e classifica-as.

2.2. Reescreve-o transformando uma das orações:

a) numa subordinada causal

b) numa coordenada copulativa

3. Analisa sintacticamente o terceiro verso do poema, identificando o sujeito e o predicado.

4. Observa os versos seguintes:

" Pássaros selvagens de repente, (…)
Sobem e morrem no céu verticalmente" (vv.5 e 7).

4.1. Reescreve-os de forma que transmitam:

a) uma ideia de passado.

b) uma ideia de futuro.

A viagem

Aparelhei[1] o barco da ilusão
E reforcei a fé de marinheiro.
Era longe o meu sonho, e traiçoeiro
O mar…
(Só nos é concedida
Esta vida
Que temos;
E é nela que é preciso
Procurar
O velho paraíso
Que perdemos).

Prestes[2], larguei a vela
E disse adeus ao cais, à paz tolhida[3].
Desmedida,
A revolta imensidão
Transforma dia a dia a embarcação
Numa errante[4] e alada[5] sepultura…
Mas corto as ondas sem desanimar.
Em qualquer aventura,
O que importa é partir, não é chegar.

Miguel Torga, *Poesia Completa II*, Círculo de Leitores, 2001

1. *Aparelhei*: preparei com o equipamento necessário.**2**. *Prestes*: preparado. **3**. *tolhida*: tomada. 4. *errante*: que muda constantemente de lugar. **5**. *alada*: que tem asas, leve.

Miguel Torga é o pseudónimo de Adolfo Correia da Rocha (1907-1995). Sendo proveniente de uma família humilde, o autor frequentou o Seminário de Lamego e emigrou para o Brasil aos 12 anos para trabalhar com o tio numa fazenda de café. Voltou a Portugal, tendo-se formado em Medicina na Universidade de Coimbra, e começou a escrever. Foi um poeta, contista e romancista que legou à literatura portuguesa importantes obras reveladoras das suas raízes transmontanas.
Bichos, *Contos da Montanha*, *Poesia Completa* são algumas das suas obras.

Orientações de leitura

1. "*Aparelhei o barco da ilusão*" (v.1).

1.1. Partindo do primeiro verso, explica que tipo de "viagem" o sujeito poético se propõe fazer.

2. Da mesma forma que a palavra "*viagem*" não é usada no seu sentido literal, também outras palavras são apresentadas figurativamente no poema.

2.1. Indica o sentido conotativo que as palavras abaixo poderão ter no poema.

a. "marinheiro"
b. "mar"
c. "cais"
d. "ondas"

3. Identifica o recurso expressivo que permite atribuir sentidos conotativos a essas palavras.

4. Atenta nos versos 5 a 11.

4.1. Explica, por palavras tuas, o sentido desses versos.

4.2. Por que motivo serão utilizados os parênteses? Assinala a opção correcta.

a. Para assinalar uma pausa em que o sujeito reflecte, criando uma certa cumplicidade com o leitor.
b. Para assinalar uma pausa em que o sujeito confessa o sonho da sua vida.
c. Para introduzir uma explicação do sujeito relativamente ao "mar traiçoeiro".

5. *" Em qualquer aventura o que importa é partir, não é chegar"* (VV.19-20)

5.1. Tendo em conta o tipo de "viagem" a que o poema se refere, que significados podemos atribuir às palavras "partir" e "chegar"?

Funcionamento da língua

1. Atenta novamente no verso "*O que importa é partir, não é chegar.".*

1.1. Identifica a relação de sentido que se estabelece entre as palavras sublinhadas.

1.2. Redige uma frase em que empregues as palavras sublinhadas, mas com um significado diferente daquele que têm em **1**.

Quem somos?

O mar chama por nós, somos ilhéus!
Trazemos nas mãos sal e espuma
cantamos nas canoas
dançamos na bruma

somos pescadores-marinheiros
de marés vivas onde se escondeu
a nossa alma ignota
o nosso povo ilhéu

a nossa ilha balouça ao sabor das vagas
e traz a espraiar-se no areal da história
a voz do gandu
na nossa memória…

Somos a mestiçagem de um deus que quis mostrar
ao universo a nossa cor tisnada
resitimos à voragem do tempo
aos apelos do nada

continuaremos a plantar café cacau
e a comer por gosto fruta-pão
filhos do sol e do mato
arrancados à dor da escravidão

Olinda Beja, *Aromas de Cajamanga*

Olinda Beja nasceu em Guadalupe – São Tomé e Príncipe em 1964. Licenciou-se em Línguas e Literaturas Modernas na Universidade do Porto, sendo actualmente professora do ensino secundário. A sua obra tem incidido sobre temas africanos, com títulos como *Bô Tendê*, *Leve*, *Quinze Dias de Regresso*, *No país do Tchiloli* e *Pingos de Chuva* em que a presença da sua Mãe África é profunda e plena de sentir.

Orientações de leitura

1. Explica, por palavras tuas, o título do texto.Justifica a tua resposta com base no texto.
2. A quem se refere o sujeito poético quando diz "*O mar chama por nós*"?
3. Faz a caracterização do "povo ilhéu", apoiando-te no texto.
4. Transcreve do poema todos os elementos relacionados com o mar.
5. De acordo com o sujeito como será o futuro? Justifica.

O Menino Grande

Também eu, também eu,
Joguei às escondidas, fiz baloiços,
Tive bolas, berlindes, papagaios,
Automóveis de corda, cavalinhos…

Depois cresci,
Tornei-me do tamanho que hoje tenho;
Os brinquedos perdi-os, os meus bibes
Deixaram de servir-me
Mas nem tudo se foi:
Ficou-me,
Dos tempos de menino,
Esta alegria ingénua
Perante as coisas novas
E esta vontade de brincar.

Vida!
Não me venhas roubar o meu tesoiro:
Não te importes que eu ria,
Que eu salte como dantes.
E se eu riscar os muros
Ou quebrar algum vidro
Ralha, comigo, mas de manso…

(Eu tinha um bibe azul…
Tinha berlindes,
Tinha bolas, cavalos, papagaios…
A minha Mãe ralhava assim como quem beija…
E quantas vezes eu, só para ouvi-la
Ralhar, parti os vidros da janela
E desenhei bonecos na parede…)

Vida! ralha também,
Ralha, se eu te fizer maldades, mas de manso,
Como se fosse ainda a minha Mãe…

Sebastião da Gama, Itinerário Paralelo

Sebastião Artur Cardoso da Gama (1924-1952) foi um poeta e professor de português. Licenciou-se em Filologia Românica, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em 1947.
O seu *Diário* editado, postumamente, em 1958, é um interessantíssimo testemunho da sua experiência como docente e uma valiosa reflexão sobre o ensino.
Faleceu vítima de tuberculose renal, de que sofria desde adolescente.

Orientações de leitura
1. A leitura das duas primeiras estrofes revela-nos um sujeito poético adulto.
1.1. Que elementos do texto comprovam esta afirmação?
2. Pela descrição que o sujeito poético faz do seu tempo de criança (primeira estrofe),como se poderá caracterizar aquele período? Indica pelo menos três adjectivos.
3. O que se manteve dos tempos de infância: o ter ou o ser? Justifica a tua resposta.
4. Nas estrofes três e cinco, a quem se dirige o sujeito poético? Que pedidos lhe faz?
4.1.Que recurso expressivo reforça um dos pedidos?
5. Ao longo do poema, que sentimento exprime o sujeito poético?
6. Observa a estrutura externa do poema.
6.1. Em quantas estrofes está organizado?
6.2. Quantos versos tem cada uma das estrofes?
7. Identifica o tipo de frase que predomina na terceira e quinta estrofes e justifica a sua utilização.

Canção dos Rapazes da Ilha

Eu sei que fico
Mas o meu sonho irá
Pelo vento, pelas nuvens, pelas asas.

Eu sei que fico
Mas o meu sonho irá…

Eu sei que fico
Mas o meu sonho irá
Nos frutos, nos colares
E nas fotografias da terra,

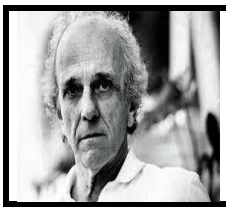
Compradas por artistas estrangeiros
Felizes e sorridentes.
Eu sei que fico, mas o meu sonho irá…

Mas o meu sonho irá
Metido na garrafa bem rolhada
Que um dia hei-de atirar ao mar.

Eu sei que fico
Mas o meu sonho irá…

Sei que fico
Mas o meu sonho irá
Nos veleiros do desenho da parede.

Aguinaldo Fonseca, in http:www.geocities.com



Aguinaldo Fonseca é um poeta cabo-verdiano nascido em 1922. A novidade de Aguinaldo Fonseca está em ter sido ele o primeiro a utilizar "África" como substância poética cabo-verdiana. Um dos seus poemas mais conhecidos é precisamente *"Mãe Negra".*

Orientações de leitura
1.O poema que acabaste de ler é de um autor de um país de língua oficial portuguesa, constituído pelas ilhas de Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia, São Nicolau, Sal, Boavista, Maio, Santiago, Fogo e Brava.
1.1. Identifica o arquipélago ao qual pertencem as ilhas acima referidas.
2. O sujeito poético começa por demonstrar duas certezas que se revelam contraditórias.
2.1. Transcreve os versos que exprimem essas duas certezas.

3. O sujeito poético acredita que o seu "sonho irá".

3.1.Segundo ele, de que forma se propagará esse sonho?

4. Qual é a explicação mais provável para a impossibilidade de o sujeito poético sair da ilha?

5. Este poema constrói-se sobre diversos contrastes:

a) presente/futuro

b) realidade/fantasia

c) pobreza/riqueza

d) prisão/liberdade

e) infelicidade/felicidade

5.1. Explica-os, ilustrando a tua resposta com exemplos retirados do poema.

6. Justifica o título do poema.

Funcionamento da língua

1. Indica a classe e a subclasse das seguintes palavras retiradas do poema:

a) *"Mas"* (verso 2);

b) " *E*" (verso 9).

2. Atenta no verso *"Eu sei que fico" (verso* 1).

2.1. Reescreve-o, conjugando as formas verbais no:

a) Pretérito Imperfeito do Indicativo;

b) Futuro do Indicativo.

Escrita

1. Eis as regras de um jogo que permitirá a criação (individual, em pares ou colectiva) de um poema, por associação de palavras:

a) Um aluno diz uma palavra.

b) Cada aluno, na sua vez, diz, espontaneamente, uma palavra qualquer (nome, adjectivo, verbo, verbo, onomatopeia, interjeição…) que associe à palavra dita pelo colega anterior.

Ex.: anjo – céu – nuvem – chover – plim – vidro – transparente – água

c) Um aluno vai registando no quadro as palavras indicadas.

d) Usando a totalidade ou algumas destas palavras, constrói-se o poema procurando utilizar alguns dos recursos expressivos já estudados (comparação, personificação, metáfora, antítese, anáfora, aliteração, assonância).

FICHA INFORMATIVA – RECURSOS EXPRESSIVOS

As figuras de retórica e outros recursos expressivos são processos de enriquecimento de um texto, atribuindo-lhe maior expressividade e embelezando-o a nível fónico, a nível sintáctico e a nível semântico.

Eufemismo – utilização de termos suaves para descrever uma realidade rude ou desagradável.

Ex:. Ir para o céu.(=falecer)

Enumeração – nomeação sucessiva de elementos que têm entre si uma relação lógica.

Ex:. No aquário havia **peixes, algas, anémonas e um pequeno navio naufragado.**

Hipérbole – exagero de uma determinada realidade, com o objectivo de elogiar ou ridicularizar.

Ex:. Estamos a **anos-luz do tempo** das máquinas de escrever.

Na praça estava **um mar de gente** a ouvir o discurso.

Adjectivação - uso expressivo de adjectivos.

Ex:. Um olhar **ardente** e **apaixonado**. **(dupla)**

Parecia uma bola **quente**, **peluda** e **macia**. **(tripla)**

Apóstrofe – interpelação de alguém vivo ou morto, presente ou ausente, real ou fictício, sob forma exclamativa.

Ex:. Ó habitantes dos mares, ouvi as minhas palavras!
Ó felizardo, ganhaste a estima e o favor do rei!

Personificação – atribuição de propriedades humanas a uma coisa, um ser inanimado ou abstracto.

Ex:. As ondas, os bosques e os elementos da natureza emudeciam **ao ouvir** o canto de Orfeu.

- Quem vai ao baile? – **perguntou o girassol**.

Anáfora – repetição da mesma palavra ou expressão no início de orações, de frases ou de versos sucessivos.

Ex.: Que belas planícies a perder de vista!
Que belas montanhas de neve branca!
Passa o tempo devagar
Passa a vontade de ficar…

Metáfora – relação de analogia entre duas realidades, recorrendo a um termo real e a um termo figurado que têm algo em comum entre si.

Ex:. A tua casa é **um palácio!** = grande/luxuosa.

O João tem **mãos de manteiga**. = deixa cair tudo.

Aliteração – repetição do mesmo som consonântico, tanto na poesia como na prosa.

Ex:. O **v**ento sil**v**a na **v**ereda.
O **t**ambor **t**oca o **t**empo in**t**eiro.

Onomatopeia – imitação de sons e de ruídos naturais.

Ex:. Canta o galo, **cocoró cocoró.**

Dlim-dlim, dlim-dlim, fez-se anunciar a carrinha dos gelados.

Antítese – oposição entre duas ideias ou entidades.

Ex.: Brilha a **luz** onde reina a **escuridão**.

Comparação – relação de analogia entre duas realidades diversas gramaticalmente relacionadas por uma conjunção (como) ou por outro termo ou expressão equivalente (parecer, assemelhar-se…).

Ex:. O meu gato é manso **como** um cordeirinho.

Um tecido **mais** belo e sumptuoso **que** os tecidos do Oriente.

O seu aspecto **assemelha-se** ao de um Deus.

Assonância – repetição de sons vocálicos.

Ex:. H**á** mar e m**a**r, há ir e volt**a**r.

AUTOAVALIAÇÃO

1.Do poema "Lágrima de preta" de António Gedeão reproduzimos quatro estrofes sem respeitar a divisão em versos. Copia-o, verso a verso, para o teu caderno. Em cada estrofe (quadras) há dois versos que rimam.

Lágrima de preta

Encontrei uma preta que estava a chorar, pedi-lhe uma lágrima para a analisar. Recolhi a lágrima com todo o cuidado num tubo de ensaio bem esterilizado. […] Ensaiei a frio, experimentei ao lume, de todas as vezes deu-me o que é costume: nem sinais de negro, nem vestígios de ódio. Água (quase tudo) e cloreto de sódio.

2.Lê este poema de Manuel Bandeira, intitulado "Céu":

A criança olha
Para o céu azul
Levanta a mãozinha.
Quer tocar o céu.

Não sente a criança
Que o céu é azul:
Crê que não o alcança,
Quando o tem na mão.

Manuel Bandeira, *Melhores Poemas*, 12.ª ed.,Global, 1998

a) Na segunda estrofe, há **rima interpolada**: verdadeiro ou falso?

3. Indica onde está presente a **aliteração** e a **assonância** nesta estrofe?

Tem um tio a Tina e o tio
tem mesmo nome de tio:
é o tio Teodorico.

João Pedro Mésseder, *Versos com Reversos*, Caminho, 1998

4. Mostra que, nesta estrofe de um poema de Sérgio Godinho, está presente a **anáfora**:

Que leve, leve é o meu menino
Que o vento o leve para sonhar
Que o sonho o poise de mansinho
Na mansa luz do acordar

Letra, música e interpretação de Sérgio Godinho

5. Identifica o recurso à **antítese** e à **apóstrofe** nestes versos sobre "palavras":

Ai palavras, ai palavras,
que estranha paciência, a vossa
Cecília Meireles, Obra Poética

De repente coloridas
Entre palavras sem cor,
Esperadas inesperadas
Com a poesia ou o amor.

Alexandre O´Neill, Poesias Completas, INCM, 1995

6. O que é um verso?
7. O que é uma estrofe?
8. Em que consiste um verso solto?
9. Que poeta(s) de nacionalidade santomense estudaste nesta unidade?
10. Que nome tem uma estrofe de seis versos?

O TEXTO DRAMÁTICO

Lê o texto de William Shakespeare, um dos maiores dramaturgos de sempre e dá a tua opinião sobre o sentido da frase " O mundo inteiro é um palco."

(…) o Mundo é um palco

E todos os homens e mulheres simples actores:

Têm as suas saídas e entradas,

E, em vida, um só homem tem vários papéis,

Tendo os seus actos sete idades. Primeiro o infante (…)

Depois o aluno lamuriento (…); depois o amante;

depois o soldado, (…) depois vem a justiça, (…)

De olhos severos e barba bem cortada,

(…) a sexta idade

Vem de calças magras e chinelos, óculos

Na ponta do nariz (…) ; a cena que fecha

Esta estranha e acidentada história

É a segunda infância e total oblívio,

Sem dentes, sem olhos, sem gosto sem nada.

William Shakespeare, *Come Vos Aprouver*, tradução de Maria Ponce, Campo das Letras, 2008 (com supressões)

AS ORIGENS DO TEATRO

Na antiga Grécia

O início da representação foi promovido, já antes do século VI a.C., pelo culto ao Deus do vinho, da fertilidade e da folia, Dionísio. Estes rituais tinham, no princípio, um carácter meramente religioso e representar foi a forma que os Gregos encontraram para honrar os seus Deuses.

O teatro nasceu do desenvolvimento de cânticos corais. De facto, a cerimónia religiosa a partir da qual se desenvolveu o teatro ateniense foi a actuação de coros. Depois, no século V a. C., foi-se destacando dos intervenientes um chefe ou solista, que passou a fazer comentários falados com o coro, tornando-se o protagonista da história. Gradualmente, esse actor principal fez-se acompanhar por mais dois actores. Não havia mais do que três actores em cena e através dos seus diálogos com o coro, intercalados com canções e danças, deu-se origem à representação teatral.

As peças teatrais, comédias ou tragédias, eram sempre escritas em verso e intercaladas com música e dança. Eram espectáculos educativos que proporcionavam o gosto pelo saber, pela História e pela mitologia. O teatro constituía uma verdadeira paixão para os Gregos. A importância cívica e cultural do teatro grego foi tal que o governo de Atenas instituiu um subsídio de dois óbolos (moedas) para cada um dos cidadãos mais pobres, de forma a que pudessem adquirir o bilhete e assistir às peças.

Adaptado

DICIONÁRIO DE TEATRO

Acção – sequência de acontecimentos do texto dramático.

Acto – parte em que se divide uma peça teatral e que é normalmente marcada pela mudança de espaço.

Actor – aquele que interpreta uma personagem da peça.

Auto – peça de teatro, em verso, originária da Idade Média que tratava temas religiosos ou profanos. Tinha uma função moralizadora.

Adereço – objecto que ajuda a caracterizar uma personagem ou espaço.

Aparte – palavras ditas por uma das personagens, para si própria ou para o público, partindo-se do princípio que as outras personagens não a ouvem.

Bastidores – zona que se situa por trás do palco.

Boca de cena – parte da frente do palco.

Camarim – local onde os actores se preparam para entrar em cena.

Camarotes – pequenos compartimentos na parte lateral do teatro destinados ao público.

Cena – subdivisão do acto, marcada pela entrada ou saída de personagens.

Cenário – decoração do palco para a realização de uma peça.

Cenógrafo – aquele que concebe, desenha ou pinta os cenários.

Comédia – género teatral, normalmente de crítica social, destinado a provocar o riso.

Contra-regra – aquele que marca a entrada dos actores em cena.

Coro – grupo de actores que, pelos seus comentários, ajudam à compreensão da peça.

Didascálias – conjunto de indicações cénicas, dadas pelo dramaturgo para que os actores saibam que gestos fazer e que tom de voz utilizar, muitas vezes, designadas de texto secundário; também informam sobre o espaço e o tempo e não são ditas em cena.

Drama – peça teatral que aborda assuntos sérios e que se situa entre a tragédia e a comédia.

Dramaturgo – autor de peças de teatro.

Encenador – aquele que leva uma peça a cena, dirige os actores e dá indicações sobre o cenário, guarda-luzes, roupa, som…

Falas – texto principal dito pelos figurantes.

Farsa – peça de origem medieval, de conteúdo profano, cómico e burlesco.

Figurante – aquele que representa um papel de menor importância; geralmente não tem falas e pode contribuir para a caracterização do espaço social da acção.

Figurinista – aquele que se ocupa do guarda-roupa e da maquilhagem dos actores.

Guarda-roupa – peças de vestuário e adereços utilizados pelos actores.

Luminotécnico – responsável pelas luzes e seus efeitos durante a representação da peça.

Monólogo – cena em que a personagem, sozinha, fala consigo própria ou com o público.

Ponto – aquele que lê, aos actores, em voz baixa, a peça, caso estes se esqueçam de alguma parte; encontra-se escondido do público.

Sonoplasta – responsável pelos efeitos sonoros e pela música durante a representação.

Tragédia – género teatral que aborda, normalmente, dilemas sociais e existenciais visando a reflexão e cujo final é cruel.

Tragicomédia – género teatral que combina elementos de tragédia e de comédia e que foi muito apreciada no século XVI.

CATEGORIAS DO TEXTO DRAMÁTICO

O **texto dramático** é o texto que se destina a ser lido e/ou representado. Pode ser escrito em prosa ou em verso e as falas das personagens são introduzidas pelo discurso directo.

A **acção** é apresentada pelas personagens e situa-se num tempo e num espaço.

Além destes elementos, há ainda elementos paralinguísticos: as **indicações cénicas** ou **didascálias**.

O texto dramático, criado pelo dramaturgo, tem como finalidade ser representado, passando, assim, a texto teatral, onde se destaca a função do encenador, o qual interpreta o texto escrito pelo dramaturgo e encena, ou seja, põe em cena o espectáculo teatral.

O **texto dramático** é constituído por:

- **Texto principal** – composto pelas falas ou réplicas das personagens, que aparecem em discurso directo, a seguir ao nome de quem as diz, podendo apresentar-se sob a forma de:

  a*) diálogo*: falas entre duas ou mais personagens.

  b) *monólogo*: uma personagem, falando consigo mesma, expõe perante o público os seus pensamentos e/ou sentimentos.

  c) *aparte*: comentários de uma personagem que não são ouvidos pelo seu interlocutor.

- **Texto secundário** – composto pelas indicações cénicas ou didascálias, que se destinam ao leitor, ao encenador da peça e aos actores. São compostas pela listagem inicial das personagens; pela indicação do nome das personagens no início de cada fala; pelas informações sobre a estrutura externa da peça (divisão em actos, cenas);pelas indicações sobre o cenário e o guarda-roupa das personagens; pelas indicações sobre a movimentação das personagens em palco, as atitudes que devem tomar, os gestos que devem fazer ou a entoação de voz com que devem proferir as palavras.

O texto dramático apresenta **2 tipos de estrutura**:

- **Estrutura interna**
  - **Situação inicial** – apresentação das personagens e da intriga, bem como de todos os antecedentes. (quem, onde o quê, para quê…)
  - **Conflito** – desenvolvimento da acção, com uma sequência de peripécias até se chegar ao ponto culminante do conflito.
  - **Desenlace** – o resultado final do conflito; o destino final de cada personagem.
- **Estrutura externa**
  - ***Acto*** – grande divisão do texto dramático que decorre **num mesmo espaço**.
  - ***Cena*** – divisão do acto determinada pela entrada ou saída de personagens.

Principais características do texto dramático:

a) É um texto para ser lido, mas que se destina a ser representado para um público, isto é, a ser visto e ouvido. Pode ser escrito em prosa ou em verso.
b) Porque se destina à representação, contém indicações cénicas (ou didascálias), descrevendo o cenário ou dando sugestões sobre o tom de voz, os gestos, as movimentações no palco, o comportamento das personagens. Estas indicações surgem entre parêntese e/ou em itálico.
c) O diálogo é o modo de expressão dominante, estando, geralmente, ausente a narração. Podem ainda surgir apartes e monólogos.
d) Está dividido em actos (embora haja obras constituídas por um só acto). Entre cada acto há, geralmente, uma pausa na representação (um intervalo). Por sua vez, os actos podem dividir-se em cenas. Estas começam e acabam com a entrada e a saída das personagens em palco.

Em **São Tomé e Príncipe** existe a representação de textos dramáticos, a título de exemplo: **"Tchiloli"**,em São Tomé e o **"Auto de Floripes"**, na ilha do Príncipe.

Ilustração 3 Auto de Floripes

Ilustração 4 Tchiloli

TEXTOS

Andando, andando…

(Mímica de marcha, cada um a seu jeito: ELA em passos de dança. ELE com gestos menos soltos.)

ELE – Que soalheira!

ELA – Que rico sol para apetecer aquela sombra ali, ali…

(Corre para debaixo da sombra (imaginada) duma árvore. Encosta-se ao tronco da árvore. Tira as sapatilhas. Cantarola:)

Que bom descansar
No meio da jornada
Estou a boiar no meio daquele mar naquela nuvem lá no alto…É bom, não é?

ELE – Não gosto de boiar. Gosto mais de nadar de braçada.

ELA –Sabes a história da Carochinha?

ELE – Quem é que não sabe…?

ELA – Também ela estava à espera do Amor. Mas em vez de correr o mundo ficou à janela.

(*Entusiasma-se, a uma ideia súbita:)*

Eu faço de Carochinha e tu de pretendente!

(Mima estar à janela.)

Estou à espera que me digas qualquer coisa para começar a existir. Anda, diz!

ELE – O quê…?

ELA – O que te apetecer!

ELE – Ora viva quem é uma flor!

ELA – Bom dia, meu senhor!

ELE – Que faz aí debruçada desse peitoril
nesta formosa manhã de Abril?

ELA – (*rindo*) Que bem que brincas…! Até já falas em verso! Estou à espera do Amor. Encontrou-o por acaso no seu caminho…?

ELE – Como é ele…?

ELA – Como hei-de saber se ele ainda não chegou…?

ELE – Mas nunca o encontrou…?

ELA – Pessoalmente, não. Manda-me recados. Que vai chegar em breve… Que espere por ele…

ELE – Mas como vai reconhecê-lo quando aparecer…?

ELA – Com o coração.

ELE – (*aparte*) Como são românticas estas miúdas de hoje!...

ELA – Não te desmanches… Continua.

ELE – Não sabe sequer se é loiro ou moreno…?

ELA – Não sei que cara tem mas quando me falar vou logo perceber: é ele! Ah! Sinto que se aproxima alguém… E que me quer falar…(*mudando de tom*) Faz de pretendente!

ELE – Que hei-de dizer…?

ELA – Que me queres!

(Canta)

Quem quer casar com a Carochinha
que achou dez réis a varrer a cozinha?

ELE – Quero eu!

ELA – E quem és tu…?

ELE – Se eu soubesse…! Por isso é que ando a correr mundo, à procura de mim.

ELA – Mas tens que fazer de um bicho qualquer! (*Mudando de tom*) Gentil pretendente, deixa-me ouvir o som da tua voz, para saber se é por ti que o meu peito anseia e o meu coração faz trucla –trucla!

(*Ele imita a voz do galo:)*

ELE – Qui qui riqui qui!

ELA– Ah! Ainda és muito franganote! Vai-te acabar de criar!

ELE – Com essas esquisitices nunca mais te casas! E quase que me ofendes!

ELA – Sou franca, pronto!

ELE – Então vamos começar outra vez. (*Outro tom*) Ora viva quem é uma flor! Por quem esperas, ó donzela? Tão cedo a essa janela?

ELA – Que grande versejador me saíste! (*Outro tom*) Estou à espera do amor. Quem me dera que venha hoje!

ELE – Diz-me o coração
que sou eu o teu João Ratão!

ELA – Não, palerma! Esse é o último a aparecer! Tens de ser outro antes!

ELE – Quer que cante para si
para ver se gosta de mim?

ELA – Canta, canta qualquer coisa!

ELE – (*Estridentemente*) Có-có-ró-có-có!

ELA – Ai que me assusta com tal vozeirão!
Não quero um marido assim toleirão!

ELE – Não sabes é o que queres! Se é voz grossa, é toleirão, se é voz fina, é franganote…

ELA – (*Levantando-se*) Vamos andando. Ele hoje já não vem.

(*Mímica de marcha. Luz Crepuscular.)*

Teresa Rita Lopes, *Andando, andando….*, 1.ª ed., Campo das Letras, 1999

Teresa Rita Lopes (1937), é uma escritora portuguesa. Licenciada em Filologia Românica, doutorou-se em Paris com uma tese sobre Fernando Pessoa, tendo consagrado a sua carreira de investigação ao estudo da obra deste.
É professora catedrática de Literaturas Comparadas na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, desde 1979.
A sua produção literária vai desde a poesia ao teatro, para além de inúmeros ensaios sobre a literatura.

Orientações de leitura

1.Identifica o resumo que melhor se ajusta à acção representada.

a) Enquanto Ele e Ela caminhavam, Ela propõs-lhe que representassem a história da Carochinha, e Ele concordou. Pouco depois, Ele terminou a brincadeira dizendo-lhe que ela não sabia o que queria, pois punha defeitos em todos os pretendentes.

b) Enquanto Ele e Ela descansavam, Ela propôs-lhe que representassem a história da Carochinha e Ele alinhou de imediato. Pouco depois, Ela terminou a brincadeira quando Ele observou que Ela não sabia, exactamente, quem desejava para seu amor.

2.Ele e Ela viajavam com objectivos diferentes. Identifica-os.

3. O objectivo de Ela e da Carochinha é o mesmo; o que é diferente é a atitude para alcançar esse objectivo. Transcreve a frase que comprova esta informação.

3.1. Indica um adjectivo que caracterize a atitude de cada uma das personagens.

4. Faz o retrato psicológico de Ela, a partir do seu comportamento. Justifica.

5. Propõe um título diferente que indique o tema do texto.

6. Indica qual das indicações cénicas abaixo podia acompanhar esta fala: " Estou a boiar no meio do mar daquela nuvem lá no alto… É bom, não é?" (linha 7)

a) (*bate com os pés descalços no chão como se chapinhasse na água)*

b) *(continua a dançar cantarolando)*

c) (*fala para si própria)*

d) *(aponta para cima com ar sonhador)*

7. Transcreve do texto uma indicação cénica que forneça informações sobre:

a) local em que decorre a acção;

b) tempo em que decorre a acção;

c) tom de voz;

d) gestos,movimentos das personagens;

e) comportamento das personagens.

8.Indica as palavras relacionadas com o teatro que correspondem às seguintes definições:

a) Aquele que escreve a peça.

b) Pessoa encarregada de pôr em cena ou fazer a encenação de um espectáculo.

c) Aquele que concebe os cenários de um espectáculo teatral.

d) Uma das divisões do texto dramático, sempre que surge uma nova personagem.

e) decoração teatral do palco.

9. Prepara e realiza a leitura dialogada do texto. Presta atenção às indicações cénicas.

A Conspiração

(O Duque e o General conspiram para assassinar o príncipe e apoderar-se do trono…)

DUQUE ─ O lorpa do guarda não está cá.

GENERAL *(Medroso)* ─ O que é mau sinal…

DUQUE ─ Nem aquela velha desavergonhada, a ama do príncipe.

GENERAL ─ O que é bom ou mau sinal?

DUQUE ─ Bom, General Hipólito. Temos o campo livre. Há que actuar com prudência, mas com determinação. O General chama o capitão dos guardas, para procurarem o guarda insolente. Prendem-no e levam-no sob escolta. Pelotão de fuzilamento com ele!

GENERAL *(Dócil)* ─ Pelotão de fuzilamento…

(O biombo estremece.)

DUQUE ─ Não fica, na enfermaria, um único guarda.

GENERAL ─ … um único guarda.

DUQUE ─ Temos assim o príncipe rodeado só de médicos.

GENERAL ─ O que é mau sinal.

DUQUE ─ Entretanto, o General desmaia.

GENERAL ─ Eu? Isso é muito mau sinal.

DUQUE ─ Faz de conta. É a fingir. Dá-lhe um flato. Um chilique. Um tranglomango.

GENERAL ─ Um tranglomango?

DUQUE ─ Pois. Um delíquio, um badagaio, um fanico.

GENERAL ─ Um fanico?

DUQUE ─ Sim, uma coisa do género…assim, mais ou menos… *(Mima um desmaio, caindo sobre um dos bancos corridos.)*

GENERAL *(Aflito, acorrendo)* ─ Alteza! Majestade! Majestade!

DUQUE *(Levantando-se)* ─ Não me trate por majestade, por enquanto. Pode dar azar. Vamos por partes. Primeiro o desmaio. Faça como eu. Imite-me.

(O General imita, catastroficamente.)

DUQUE ─ Não, assim não. Com menos ênfase. *(General tenta de novo, mas o Duque sustém-no, continuando a falar)* Oiça, com atenção, general. O senhor tem de convencer os médicos de que precisa de assistência, está a perceber? Caia para um lado. Caia para o outro. Esperneie. Revire os olhos. Faça o que General entender, desde que os médicos se juntem todos à sua volta. Entretanto, eu fico com o caminho livre, vou ao quarto do príncipe e dou conta do resto do recado.

GENERAL ─ *(Apreensivo)* Do resto do recado…

DUQUE ─ Descanse que tudo vai parecer natural. Se o príncipe caiu do cavalo ou foi empurrado… Se o príncipe caiu definitivamente da cama abaixo… ou foi empurrado, nunca se saberá. *(Risinho seco)*

GENERAL ─ Custa-me.

DUQUE ─ Custa-lhe? Agora é que lhe vieram os cuidados? Se lhe pesam assim tanto, passe-me os seus remorsos todos, que eu aguento com eles e mais que houver.

GENERAL ─ Não é isso. Custa-me fingir o desmaio. Falta-me o treino. Nós lá na Escola de Guerra, não tínhamos disciplina de Arte Dramática. E talvez fizesse falta.

DUQUE *(Impaciente)* ─ Quando o General for primeiro-ministro do meu reino, ponha a Arte Dramática na Escola de Guerra.

─ Era bom sinal.

DUQUE ─ Conto consigo. Vá, desmaie.

GENERAL ─ Já?

DUQUE ─ Irra! Desmaie.

GENERAL ─ Acha que sim? É que ainda, há bocadinho, almocei. Um desmaio, depois do almoço, não será mau sinal?

DUQUE ─ Desmaie. Espere, não desmaie ainda.

GENERAL ─ Afinal, desmaio ou não desmaio?

António Torrado, *Os Doze de Inglaterra Seguido de O Guarda-Vento*, Caminho, 2000

Orientações de leitura

1.Na conspiração desenvolvida no texto que leste, organiza-se um plano secreto para atingir um determinado objectivo.

1.1.Tendo em conta esta afirmação, identifica os organizadores e o objectivo da conspiração apresentada.

2.O que motiva os conspiradores? Assinala a opção correcta:

a) A reposição da justiça.
b) A ambição pelo poder.
c) A implantação da república.
d) A preocupação pelo bem-estar do povo.

3. Quem te parece ser o "cérebro" desta conspiração: o Duque ou General? Justifica a tua resposta.

4.Identifica a(s) personagem(s) que, com base no excerto lido, poderia(m) constituir um entrave aos planos do Duque.

5. O Duque visa assassinar o Príncipe simulando um acidente. Qual?

5.1. Identifica os diferentes momentos do plano a cumprir até ao objectivo final pretendido.

6.Para se fazer compreender, o Duque enumera uma série de sinónimos de "desmaio". Identifica-os.

6.1. Aponta as razões alegadas pelo General para a sua falta de destreza em simular o desmaio.

7.Elabora o retrato psicológico do Duque.

Funcionamento da língua

1. Ao longo do texto o Duque vai dando várias orientações ao General.

1.1. Atenta nas linhas 33 e 34 e transcreve cinco formas verbais que transmitem algumas dessas instruções.

1.2. Identifica o modo das formas verbais transcritas.

2. Divide e classifica as orações presentes nos excertos:

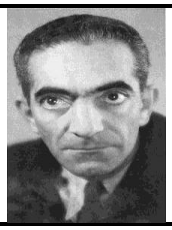
a) "…" vou ao quarto do príncipe e dou conta do recado."
b) "Se lhe pesam assim tanto, passe-me os seus remorsos todos"
c) " Quando o General for primeiro- ministro do meu reino, ponha a Arte Dramática na Escola de Guerra."

Antes de Começar

(Depois de subir o pano, ouve-se um tambor que se vais afastando. Quando já mal se ouve o tambor, O Boneco levanta-se e vai espreitar ao fundo para fora. Entretanto, a Boneca senta-se e está admirada de ver o Boneco a andar. Quando o Boneco volta para o lugar, fica admirado de ver a Boneca sentada a olhar para ele.)

O BONECO – Tu também te mexes como as pessoas?!
A BONECA – (*Muito baixinho*) Schiu!...
O BONECO – Só agora é que dei por isso!
A BONECA – (*Idem*) Schiu!...
O BONECO – Todas as noites puxo por ti e tu és sempre a mesma boneca!!!
A BONECA – (*Idem*) Schiu!...
O BONECO – Eu julgava que, de nós dois, era eu só que podia mexer-me!
A BONECA – (*Sempre muito baixinho*) Eu também julgava que, de nós dois, era eu só que podia mexer-me!
O BONECO – E nunca me sentiste a puxar por ti, todas as noites?!
A BONECA – (*Idem*) É que eu julgava que era o Homem que puxava por mim!
O BONECO – E tu? Puxaste por mim alguma vez?
A BONECA – (*Idem*) Nunca… nunca experimentei puxar por ti…Eu tinha pena se, ao puxar por ti, tu não te mexesses. Por isso nunca experimentei!... (…)
O BONECO – Tu és tímida!
A BONECA – Pois sou…
O BONECO – E não há razão…pois se temos a certeza de que não está ninguém a ver! Faz algum mal?
A BONECA – Mas se vissem?
O BONECO – Não podem ver!
A BONECA – Tu tens a certeza que não te podes enganar?
O BONECO – As pessoas é que se enganam! Nós, os bonecos, nunca nos enganamos!!!
A BONECA – A dizer a verdade, eu nunca me enganei… Mas nunca faço nada porque tenho medo de me enganar!...
O BONECO – (*A ralhar.)* Pareces mais uma menina do que uma boneca!!!(…) Ouve lá! Porque é que falas tão baixo? A tua voz não dá mais do que isso?
A BONECA – Parece-me que dá… Ainda nunca experimentei gritar, mas tenho a certeza de que sou capaz de dar o grito que se ouve de mais longe!

Almada Negreiros, *Obras Completas*, INCM



José de Almada Negreiros nasceu em S. Tomé e Príncipe, em 7 de Abril de 1893, e morreu em Lisboa em 1970.Fez parte do grupo Orfeu.
Foi artista plástico. Na literatura foi dramaturgo (*Pierrot e Arlequim*) e romancista (*Nome de Guerra*) e poeta, formalmente em prosa.
Como polemista, escreveu o *Manifesto Anti-Dantas*.

Proposta Criativa: Vamos fazer Teatro
Encenação
Porque não preparar a representação da peça?
Eis os passos que, individualmente e em grupo, terão de ser dados:

1. Decorar as falas das respectivas personagens, imaginando-vos nas situações vividas por elas.
2. Prestar atenção às indicações cénicas relativas ao modo como as personagens se devem movimentar.
3. Discutir, no grupo, sugestões para a montagem do espetáculo: o cenário, a sonoplastia (o som que acompanha o texto),os figurinos. Distribuir as tarefas, definindo prazos.
4. Ensaiar as vezes que entenderem necessárias.

5.Prever a existência de um ponto (pessoa que, numa peça, tem por função ajudar os actores a lembrarem-se do seu texto, lendo-o em voz baixa),durante os ensaios e durante a representação.
6.Elaborar convites.
7.Representar a peça no dia combinado.

AUTOAVALIAÇÃO

1.º Acto
CENA I
Rei Leandro, Bobo

(No Jardim do palácio real de Helíria. Rei Leandro passeia com o bobo)
[…]
REI – Os sonhos são recados dos deuses.
BOBO – E para que precisam os deuses de mandar recados? Estão lá tão longe…
REI – Por isso mesmo. Porque estão longe. […]
BOBO – *(aparte)* É o que faz ser deus…Eu cá, quando quero mandar recado, é uma limpeza: " Ó Brites, guarda-me aí um naco de toucinho para a ceia!" *(Ri)* Não preciso de mandar os meus recados pelos sonhos de ninguém!
REI – Que estás para aí tu a resmonear?
BOBO –Nada, senhor! Reflectia apenas nas tuas palavras.
REI – E bom é que nelas penses. Apesar de bobo, quem sabe se um dia não irão os deuses lembrar-se de mandar algum recado pelos teus sonhos…
(Pára*, de repente. Fica por momentos a olhar para o bobo, e pergunta com ar muito intrigado*) Ouve lá, tu também sonhas?
(*Aqui a cena fica suspensa, e a luz centra-se apenas no bobo, que fala para os espectadores na plateia*)

Alice Vieira, *Leandro, rei da Helíria*, 3.ª ed., Caminho (texto com supressões)

1. Explica o que é um acto e uma cena.
2. Se o excerto de 1 for representado, que elementos do texto não serão ditos?
3. As indicações cénicas fornecem informações sobre o lugar e o tempo da acção, os comportamentos, os gestos, o tom de voz das personagens. Assinala exemplos no excerto de 1.
4. Que outro nome se dá às indicações cénicas?
5. Explica o que é um aparte.
6. A seguir à última indicação cénica do excerto de 1, deverá surgir:
a) um aparte do Bobo;
b) a resposta do Bobo à pergunta do Rei;
6.1. Escolhe a alternativa correcta e justifica a tua resposta.
7.A última indicação cénica contém uma informação para qual destes profissionais.
a) encenador **b)** luminotécnico **c)** aderecista **d)** sonoplasta

BIBLIOGRAFIA

CARRIÇO, Lilaz, Fernandes, M. Correia, (2000) *Língua Materna 8º ano*, Porto Editora

CUNHA CELSO, Cintra Lindley, Nova Gramática do Português Contemporâneo. (1984), L' ed., Sá da Costa Ed.

COSTA**,** Fernanda, Mendonça, Luísa (2012), *Diálogos – 8º ano,* Porto Editora

COSTA**,** Fernanda, Mendonça, Luísa, (2011 *Diálogos – 7º ano,* Porto Editora

PAIVA, Ana Miguel de, Almeida, Gabriela Barroso de, Jorge, Noémia, Junqueira, Sónia Gonçalves, (2011), *(Para) Textos 7º ano,* Porto Editora,

MOREIRA, Vasco, Pimenta, Hilário, (2009) *Gramática de Português*, Porto Editora,

PAIVA, Ana Miguel de, (2012) Almeida, Gabriela Barroso de, Jorge, Noémia, Junqueira, Sónia Gonçalves, *(Para) Textos 8º ano,* Porto Editora

COOPERAÇÃO
PORTUGUESA

Ministério da Educação,
Cultura e Formação